O GLOBO
SPORTIVO
ANO XI · Nº 606

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



ALFREDO

UM TEST ESPORTIVO

Apresentamos nesta página o retrato e a descrição de um famoso boxeur. Quem é ele?

Há alguns anos, havia na California um rapaz que possuia tudo que Hollywood poderia desejar — o físico de Atlas, o perfil de Barrymore e certo talento dramático. Surpreendentemente, porem, os encantos da capital do cinema não o seduziam, pois ele não queria ser artista. Acreditem ou não, o rapaz em questão queria ser pugilista.

Trabalhando na fazenda do pai, sonhava com o dia em que se tornaria campeão. E finalmente, com muita paciencia, conseguiu convencer o pai a mandar construir um ginasio e um ring de box na fazenda. Depois que o ring ficou pronto, todos os empregados tomavam parte nesta nova diversão. Após o trabalho, realizavam-se, varias noites por semana, lutas de box das quais todos os presentes podiam participar.

O rapaz gostava de lutar contra homens mais velhos e experimentados, pondo à prova a sua força. A principio, apanhava quase sempre, mas com o tempo foi aprendendo os truques dos lutadores mais experimentados, não tardando que se achasse em condições de derrotar os empregados da fazenda. Ele achou, então, que já podia tornar-se boxeur profissional. A principio, seu pai opôs-se à idéia, mas por fim cedeu ante os insistentes pedidos do filho e deu seu consentimento.

* * *

Na sua primeira luta como profissional, o rapaz teve de enfrentar um boxeur com muitos anos de atividade no ring e que era um verdadeiro touro. Alguns amigos do rapaz achavam que este veterano talvez fosse um adversario muito perigoso para quem se iniciava na dificil carreira. O rapaz, entretanto, não estava preocupado. Tinha confiança nos seus punhos.

E não se enganava, pois venceu o adversario sem muito trabalho. Vieram outras lutas e o filho do fazendeiro continuou a vencer, revelando possuir um soco tremendo. Estava agora bem lançado em sua nova carreira.

Um dia recebeu um convite para ir a Hollywood fazer um "test" cinematográfico. Para muita gente, isto teria sido o mesmo que tirar a sorte grande. O dinheiro e a fama estariam ao seu alcance. Que devia fazer? Sim, trabalhar no cinema era bom, mas ele preferia trocar murros no ring com um adversario. Foi sem o menor pesar que recusou o convite de Hollywood.

Fizera uma escolha acertada, porque subiu rapidamente a escada da fama, derrubando todos os adversarios. O seu soco devastador tornou-se conhecido em toda a costa do Pacifico. Estava sempre pronto a receber dois socos antes de desferir um dos seus!

* * *

Uma noite ele entrou no ring para enfrentar Frank Campbell, outro jovem peso-pesado que muito prometia. Foi um combate selvagem, sem quartel, e por fim Campbell foi derrubado à lona. Ainda estava desacordado quando o arrastaram para o canto, onde os seus "segundos" tudo fizeram para que ele voltasse a si, sem resultado. Campbel foi transportado imediatamente para um hospital, onde morreu sem recuperar os sentidos.

O vencedor da luta ficou desolado por ter sido o causador involuntario da morte de Campbell e jurou que abandonaria o ring.

Ao pensar no futuro, lembrou-se do convite que Hollywood lhe fizera muitos anos antes. Se o queriam naquela ocasião, talvez ainda o quisessem. E assim foi ao estudio cinematográfico que lhe oferecera o contrato.

Mas após olhar para ele, os maiorais do estudio lhe disseram que infelizmente ele não servia mais. Por que? As lutas haviam deixado nele suas marcas. O perfil outrora impecavel se achatava devido à violencia dos muitos golpes que recebera. Não podia mais ser um galã da tela, pois agora o seu aspecto era o de um verdadeiro boxeur.

Tristonho, o rapaz voltou para a fazenda do pai, entregando-se com afinco aos mais duros trabalhos para se esquecer do que acontecera. À medida que o tempo foi passando, entretanto, a lembrança da luta de Campbell foi desaparecendo do seu cérebro. Voltou a treinar no ginasio. E finalmente resolveu voltar ao ring.

* * *

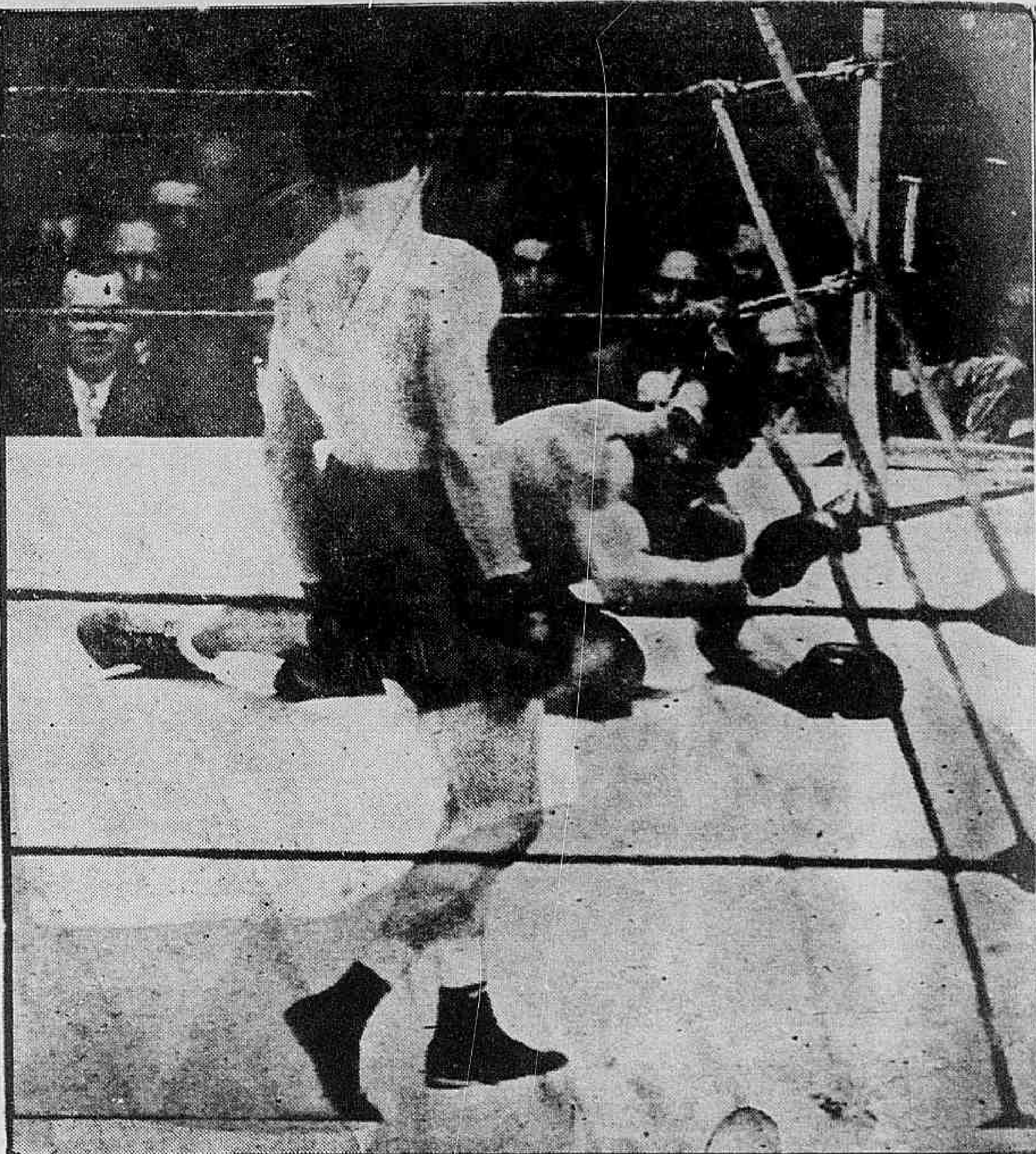
Venceu a primeira luta da sua "rentrée", embora não estivesse em sua melhor forma. Uma vez transposto este obstáculo, pôs-se em marcha em direção ao topo. Seus adversarios foram-se tornando mais categorizados e ele perdeu algumas lutas; os seus fans sabiam, entretanto, que ele era um boxeur de raras qualidades. Após varios anos de continuo sucesso, ele finalmente assinou contrato para enfrentar o campeão mundial dos peso-pesados.

Mas antes que a luta se realizasse, aconteceu uma coisa estranha. Hollywood, que antes repelira o famoso e popular "challenger" por causa do seu perfil, oferecia-lhe agora uma soma fabulosa para fazer um filme. Ele aceitou e desempenhou o principal papel masculino num filme com uma das mais populares atrizes da época, apesar do perfil estar agora mais achatado do que nunca.

Terminado o filme, o jovem californiano atingiu a meta que sempre visara desde os seus tempos de criança, na fazenda. Conquistou o título de campeão mundial, arrebatando-o de um dos mais corpulentos homens que já o tivera em mãos. Como se chama ele?

* * *

Para saber a resposta, vire a página.



O nome do filme? "O Pugilista e a Favorita", exibido no Rio há alguns anos com grande sucesso. O nome do herói desta historia? Max Baer, antigo campeão mundial dos peso-pesados. O campeão derrotado e que tambem apareceu no filme foi Primo Carnera. O nome da famosa atriz? Myrna Loy.

TESTS PARA A SELEÇÃO FRANCESA

Os últimos matches de football que a França disputou contra a Escocia e a Bélgica serviram de "tests" para a constituição da primeira lista de 25 jogadores, entre os quais serão escolhidos os onze que representarão a França na Copa do Mundo.

O "triunvirato" deverá reunir-se hoje para estabelecer a primeira lista de jogadores susceptiveis de figuras entre os felizardos que irão ao Brasil.

Todo sos cronistas desportivos e particularmente o de "Le Figaro", salientam a necessidade de selecionar-se apenas os jogadores que tenham verdadeiramente classe internacional e sejam capazes de defender no Rio de Janeiro, de maneira mais honrosa, as cores tricolores.

AGENTES - ACEITAM-SE
Para Casimiras, Linhos, Aviamentos, etc. Mostruário gratuito. Ótima comissão e adiantamentos. Vendas pelo sistema de Reembolso Postal.
Cartas: **TECIDOS MEHERO** - Rua Pagé, 33, 2.º andar - São Paulo

DA PRIMEIRA FILA

OS ROSA PINTO

MARIO FILHO

1 Jair era o irmão de Orlando. Agora Orlando é o irmão de Jair. Sucedeu o mesmo com os Da Guia. Ladislau foi o irmão de Luiz Antonio. Medio ,o irmão de Ladislau. Domingos chegou a ser o irmão de Medio. De repente tudo mudou, parando em Domingos. Domingos acrescentou o Da Guia ao nome: Domingos Antonio Da Guia. O dê grande, maiúsculo, nobre. Antigamente, na China, a nobreza não passava dos pais para os filhos passava dos filhos para os pais, dos netos para os avós, e assim por diante. Às vezes bastava a façanha de um homem para enobrecer uma familia toda, até a quinta geração. A nobreza futebolística tem muito disso. Domingos consagrou os Da Guia, definitivamente. Sem dúvida os Rosa Pinto, de onde descendem Orlando e Jair, não merecem tantos rapapés. Jair anda por cima, Orlando desceu de cotação. Há um pouco de injustiça em tudo isso. Geralmente, quando um jogador deixa de aparecer pelos camfpos, sai do cartaz. A delicadeza manda que a gente se esqueça das falhas que ele tinha, para só se lembrar das qualidades.

2 Cercadores de frango passaram a grandes keepers por u mmotivo parecido, tornando-se antiguidades, objetos de museu. Hoje em dia, então o que não falta é crack do passado, jogando cada vez mais na imaginação da saudade. Orlando, não: ámedida que o tempo passa o jogo de Orlando vai diminuindo. Daqui a pouco muitos perguntarão como é que Orlando conseguiu entrar num primeiro team, até num scratch. Orlando corria de mais. A recordação que ficou dele foi a de um meteoro. Uma coisa que não se v édireito. E depois Domingos da Guia achava que quanto menos corresse um jogador, melhor. Como é que a cento e vinte quilômetros alguem podia ter a noção das coisas, do certo ou do errado? Num automovel, com parabrisa e tudo, Domingos só via árvores e casas passando, como num instantaneo mal batido. Enquanto Orlando corria, Domingos da Guia parava, para pensar. O Orlando tinha de parar tambem. Mas quando parasse levaria tempo para descobrir onde estava o goal.

3 Apesar dos pesares a torcida do Vasco tinha um beguin por Orlando. Toda vez que ele pegava a bola e botava o motor de popa para trabalhar, os vascainos moços e velhos, homens, mulheres e crianças, punham-se de pé. Casacas, casacas rasgavam o ar. Dava gosto ver o Orlando correndo, confundindo-se com a bola. O Orlando, pequenino, um tico de gente, gordinho, bem nutrido, lembrava uma bola, mal comparando. Era dificil saber onde estava a bola, onde estava Orlando, que corria mais do que ela. Pena que o campo fosse pequeno para a velocidade de Orlando. Quando Orlando menos esperava o campo acabara, ele saira para fora do campo com a bola. Domingos nem se mexera, deixara Orlando se divertir à vontade, bater o record de Jess Owens. Domingos sabia que Orlando não era automovel, não tinha freio de mão nem nada.

4 E Orlando driblava bem, chutava bem, tinha todas as qualidades. Não havia quem chutasse uma bola parada melhor do que ele. Aquela velocidade, porem, estragava tudo. Welfare alimentava a esperança de que o tempo corrigisse o ardor de Orlando. Com a idade, o Orlando perderia a pressa, aprendria que devagar se vai ao longe — toda a filosofia dominicana. (Dominicana de Domingos, não da Ordem de São Domingos). Outros jogadores tinham começado assim, imaginando que noventa minutos eram um segundo na eternidade. E os anos começaram a passar. Orlando não envelhecia, parecia cada vez mais moço. O velho Welfare, sim, é que embranquecia os cabelos, é que ficava pesadão, é que cansava os olhos. Orlando passava feito uma bala, Welfare queria acompanhá-lo com o olhar, e não podia. Depois de uma corridinha de Orlando ele esfregava os olhos, achando que precisava ir a um oculista. Um belo dia — dia de treino, com Orlando na ponta — Welfare apareceu de óculos em São Januario.

5 Por essas e outras, quando Orlando trouxe o Jair pela mão, "este é meu irmão, tambem joga bola", Welfare balançou a cabeça. Bastava um Rosa Pinto no Vasco. O Jair, com certeza, puxara ao irmão. Não é que Welfare não gostasse do Orlando. Pelo contrario: o Orlando até comia na casa de Welfare. Welfare dava de comer a Orlando para que o Orlando não fosse embora. Nos bons tempos de 34 o Vasco não discutia essas coisas: fornecia almoço e jantar aos jogadores. O que não faltava era restaurante de vascainos por aí. E os vascainos donos de restaurantes eram incapazes de cobrar um almoço ou um jantar a um Jaguaré, um Fausto, um Orlando. O Vasco ia de vento em popa, os rapazes bem que o mereciam. Depois o Vasco foi para trás, os vascainos donos de restaurante começaram a torcer o nariz, a char ruim. Aqueles malandros perdiam em campo e nem tinham vergonha de vir comer de graça, à custa de um honesto vascaino.

6 Acabou-se a sopa. Para alguns o choque não foi muito grande. De um certo modo eles compreendiam que o seu Manoel, ou o seu não sei se tinham razão, toda a razão. Orlando, porem, era diferente. Tudo o que ele ganhava enfurnava, pensando com uma antecedencia danada em quando ele fosse velho e inválido. Sim, quando a velhice lhe batesse à porta, que é que ele ia fazer se não tivesse dinheiro? O dinheiro só servia para isso mesmo, para a gente não pedir esmolas, para a gente não ir para um asilo da velhice desampada. Todo o dinheiro que Orlando ganhasse seria pouco, não chegava, só chegaria com os juros, porque ele pensava viver muitos anos, muitos anos mesmo. E avalie se o dinheiro acabasse antes que ele morresse Assim, logo que os vascainos donos de restaurantes resolveram cobrar os almoços e os jantares, Orlando, em sinal de protesto, arrumou as malas, avisou que ia para Barra Mansa.

* * *

7 Ninguem, em São Januario, se espantou com a decisão de Orlando. Orlando preferia deixar de jogar football, embora o football lhe desse dinheiro para comer do bom e do melhor, a pagar qualquer coisa. O Vasco queria que ele morresse de fome? Pois ele tinha casa, comida e roupa lavada em Barra Mansa. Barra Mansa orgulhava-se de possuir um filho como Orlando. Só uma vez os barramansenses ficaram assim, assim com ele. Orlando tinha ido com um scratch a São Paulo. Na volta, segundo informações obtidas com a familia Rosa Pinto, Orlando desceria em Barra Mansa. Então Barra Mansa se embandeirou. O comercio considerou a data da chegada de Orlando como um meio feriado. Era a primeira vez que um filho de Barra Mansa entrava num scratch carioca. Encomendou-se a banda de música. O noturno paulista chegaria cedo. Muito antes da hora do noturno a estação estava cheia. Um painel atravessava toda a largura da avenida Rio Branco de Barra Mansa: Salve, Orlando.

8 E subitamente o trem apitou, foi um reboliço danado, as moças alisando o vestido, os homens abotoando o paletó. O noturno diminuiu a marcha, veio resfolegando, como se estivesse cansado. E Orlando pára, emoldurado pela porta do carro, com uma maleta na mão, o paletó cintadinho, camisa de seda e tudo. Aquilo foi uma surpresa para ele. Nunca lhe passara pela cabeça que ele era uma grande figura, uma especie de seu doutor, do prefeito ou do delegado. Desde, porem, que ele era isso e mais alguma coisa, precisava dar-se importancia, bancar o tal. E Orlando desceu os três degraus da escada do vagão, serio, digno, com uma gravidade de ministro. Os gritos de Orlando, Orlando, eram, agora, rumores familiares não o comoviam. E depois era indispensavel não fraquejar, ir para a frente. Agora ele estava de cima. U mcidadão ia meter a mão no bolso de dentro do paletó, para tirar um improviso. Orlando cortou-lhe o gesto para perguntar-lhe onde ficava a rua tal, número tal.

9 Quase que houve o diabo. Barra Mansa se ofendeu. Então o Orlando não sabia onde ficava a rua tal, número tal, então o Orlando se esquecera de Barra Mansa a ponto de ignorar onde ficava a casa do pai dele, da mão dele, a casa dos Rosa Pinto? Mais do que rápido Orlando deu explicações, tratando de consertar tudo. Era tarde. Pelo menos não se fez a festa, ou, por outra, se fez a festa, mas só se fez a festa porque a banda de música estava ali e atacou um dobrado. Pena que Barra ficasse ignorando que quase Orlando trocara a gloria por uma vida pacata, lá, entre os barramansenses, todos de casa, amigos velhos. Madame Welfare evitou a volta de Orlando para Barra Mansa. Se era por questão de almoço e jantar, havia comida na casa do Mister, onde comiam dois podiam comer três. Orlando passou a comer com Madame e com Mister Welfare.

10 Welfare morava atrás do Vasco. Parecia perto e era longe como o diabo. Orlando tinha de dar uma volta, de gastar sapato. Assim não haveria sapato que chegasse. Orlando fez os cálculos: uma viagem ao meio-dia, outra viagem às sete horas da noite. Ida e volta. Toda a rua Abilio, muito mais de cem metros, quase duzentos metros. toda a rua Dom Carlos, outros cem ou duzentos metros. Pensando bem, ele não comia de graça, pagava em sola de sapato. E os sapatos estavam pela hora da morte. Orlando andou desiste não desiste. Só não desistiu porque teve uma idéia verdadeiramente luminosa. Não há nada como a necessidade para abrir os olhos da gente. Orlando arranjou uma tabua, encostou a tabua ao muro da casa de Welfare. Era só subir pela tabua. Num instante ele estava do outro lado, sem precisar fazer voltas, sem precisar gastar sola de sapato.

A PRIMEIRA VITORIA DO BRASIL

Em 1920, em Antuerpia, o Brasil conquistava, pela primeira vez, através do tenente Guilherme Paraense, um título olimpico, feito repetido apenas por Maria Lenk, em 1936. Como o nosso patricio conquistou esse titulo de campeão mundial de revolver é aqui relembrado numa crónica de 1945 do desembargador Afranio Costa, que se colocou em segundo lugar no campeonato individual de pistola:

"Há um quarto de século, em Beverloe, nos arredores de Anvers conseguia o Tiro Nacional as três primeiras colocações premiadas para o Brasol, em Jogos Olimpicos. Um campeonato mundial, um segundo lugar individual e um terceiro lugar de equipe coroaram o esforço tenaz e perseverante, de um punhado de atiradores. O que faltava, entço, em número, sobrava em entusiasmo e confiança!

DIFICULDADES INICIAIS

Convidado o Brasil a comparecer à VII Olimpiada, iniciou-se o grande debate para apurar que esportes deviam preferencialmente comparecer. Era a grande luta entre a agua e a terra. Jamais pude compreender bem o motivo dessa contenda inutil travada no campo doutrinario, com sacrificio de um tempo precioso para o aprimoramento de valores técnicos. Entrementes foram os atiradores se congregando, prestigiados por dois grandes nomes, sempre lembrados com gratidão: Arnaldo Guinle e Ariovisto de Almeida Rego. Entretanto, viram os do Tiro ao Alvo, desde logo, um ponto fraco: o Tiro ao Alvo não era esporte confederado. E muito embora no aceso da contenda passasse isso despercebido aos que disputavam a supremacia terrestre e aquática, foi tido por prudente encontrar-se alguem que, no entrechoque das correntes, trabalhasse pelo Tiro ao Alvo, nas reuniões públicas. E surgiu como baluarte Vitor Nidosi Chermont, que devotadamente se dedicou à tarefa.

PRUDENCIA...

Exercicios rigorosos, provas sucessivas eiliminatorias levadas a bom termo, conseguiram uma equipe que podia razoavelmente representar o Brasil. Entretanto, apesar da facilidade em constatatar-se exatamente a posição da equipe brasileira ante as mundiais, por ser o tiro ao alvo um esporte de resultado exatos, jamais quisemos levar o entusiasmo além da justa e prudente medida que o criterio e o bom senso deviam aconselhar. Conheciamos de sobra as decepções e os decréscimos de produção que, no momento preciso abatem os ânimos mais fortes, no esporte. Firmemente dispostos a honrar o nome do Brasil, empenharam-se pacientemente os atiradores em exercicios intermina-veis de tôda a ordem. Obstáculos tremendos tiveram que ser enfrntados: advogados, médicos, oficiais do Exército, comerciantes, funcionarios públicos cuja vida era faina continua, desdobravam-se no treinamento rigido. As despesas com armas e munições não eram pequenas, o tempo escasso, tudo era mister vencer. E tudo foi vencido.

AQUÁTICO, TERRESTRE OU AEREO...

A imprensa trazia o público a par do movimento. Alguns dias antes do embarque, em memoravel sessão da Confederação, no antigo Pavilhão Mourisco, depois de muito discutir, quedou a assembléia estarrecida diante do impasse: a Confederação apenas superintendia esportes terrestres e aquáticos, e como devia ser o Tiro ao Alvo classificado? Prolongou-se o debate noite a dentro, horas a fio, divergindo as opinioeh; o resultado foi que aquático, terrestre ou aereo, devia o Tiro comparecer. E assim foi. Poucos dias mais tarde, a bordo do "Curvello", seguiam atiradores, remadores e jogadores de water-polo. A viagem demonstrou de inicio a resistencia orgânica dos representantes do Brasil.

Basta dizer-se que o "Curvello" partira com o triplo da lotação; a mesa de refeições era feita pela manhã e seguia ininterruptamente até horas adiantadas da noite.

Dormia-se no salão de fumar, sobre tapetes e sofás, porque acomodações não havia.

O notavel esforço da Confederação conseguia reunir alguns magros contos de réis, a que foram adicionadas economias privadas de membros da delegação e até mesmo do pranteado Roberto Trompowsky, que a chefiava. Tudo consumido, privações de toda a ordem, vieram as inevitaveis rusgas, comuns à época de "pouco pão". Nada, porem, abateu o ânimo dos atiradores. À hora do exercicio, em Beverloo, iam todos fazendo o melhor possivel. Cada qual carregava a pé, cerca de dois quilômetros ,alvo, com a armação respectiva, arma, munição e tudo mais. Um vento frio e cortante da imensa planicie quando não era acompanhado por chuva, levantava nuvens de poeira que, engasgando nas armas, partia-lhes as molas. Os contratempos aumentavam, e parecia que o Destino comprazia-se em pôr à prova nossa capacidade de resistencia.

Poucos dias depois, desapareceu parte apreciavel do estoque de munição, conseguido a crédito na Casa Laport, porque do dinheiro prometido pelo Congresso, havia apenas noticias vagas do trânsito do projeto pelas Comissões da Câmara e do Senado.

Foi quando, por acaso , aproximando-nos do General Shyedre, chefe das equipes americanas de Tiro às Olimpiadas, dele conseguindo suficiente quantidade de munição que lhe sobrava na bagagem.

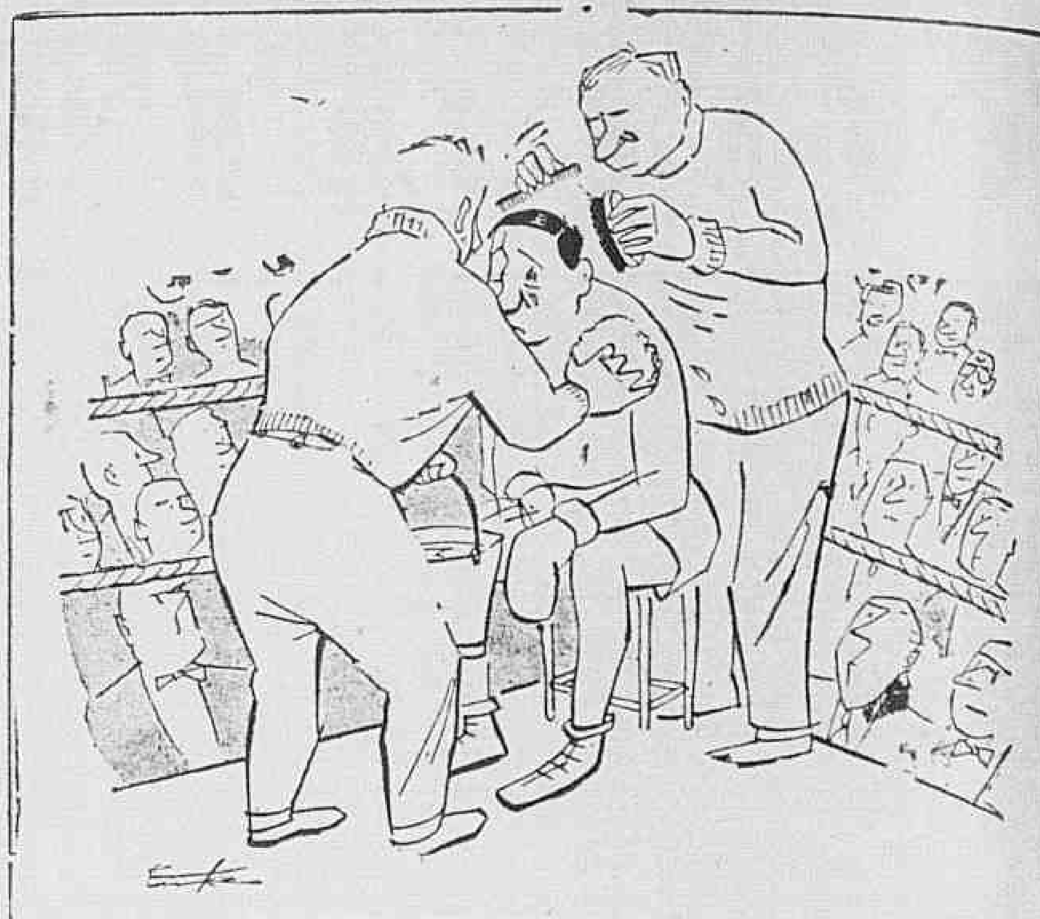
E assim ganhamos!

SPORTS EM TODO O MUNDO

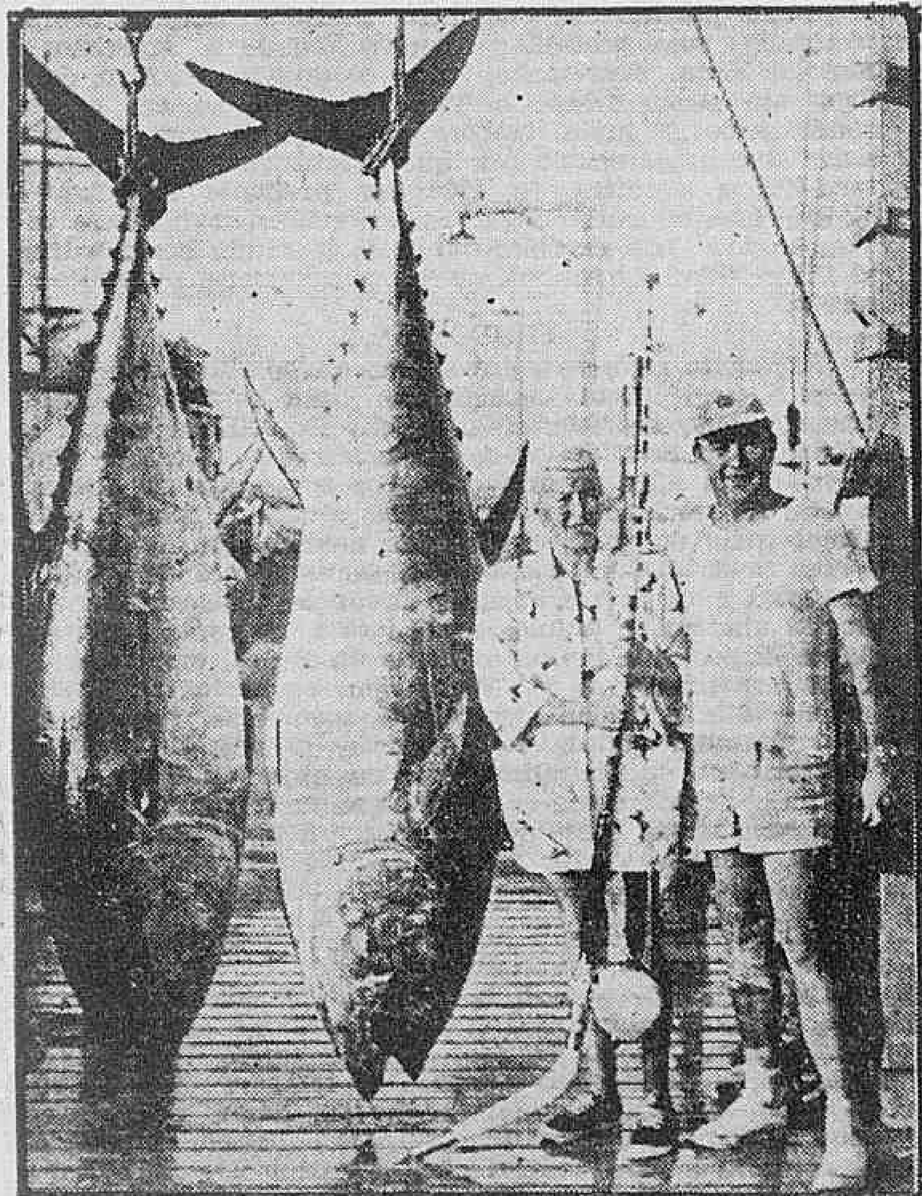
EM VIENA, ao regressar de uma partida de golf na pequena cidade de Klasnovica o antigo campeão mundial de tennis profissional, Karel Kozeluh morreu num acidente — anuncia o correspondente do jornal "Der Abend". O carro em que viajava o campeão chocou-se em grande velocidade, co mum caminhão que vinha em sentido inverso, co mos faróis apagados. Kozeluh morreu instantaneamente e dois amigos que com ele se encontravam foram gravem ente feridos. Karel Kozeluh contava 55 anos.

EM BUENOS AIRES, o boxeador peso- medio Felix Codoba, de Buenos Aires, assomou a possivel colocação de campeão sul-americano de sua categoria, no próximo campeonato de box que se realizará em Guayaquil, ao derrotar Manuel Singarello.

EM ROMA, Mario Fornari, de 28 anos de idade, antigo treinador do team de football, sendo afetado de esquizofrenia e hospitalizado, faleceu acidentalmente, morto por um policial. Fornari brandia uma faca de açougue e ameaçava atacar o policial, que foi obrigado a fazer uso do revolver. Fornari foi treinador do Roma F. C., sendo famoso na Italia.



LANA TURNER É CAMPEÃ DE PESCA



Lana Turner, quando consegue afastar-se da filmagem dos estudios, dedica-se a pesca, sport em que já conquistou varios troféus. Na gravura vêmo-la gloriosa ao lado de um atum de 497 libras, o maior pescado por uma mulher no inicio da temporada.

EM PARIS, o jovem corredor ciclista francês, Pierre Eusebio, faleceu em consequencia de uma queda durante a corrida realizada na pista de Vincennes. Pierre Euzebio teve fratura do cranio.

EM LONDRES, a Comissão de Organização da Copa do Mundo de Football designou para esta prova os seguintes árbitros: Leafe, Ellis e Rader (Inglaterra); Eriffiths (Pais de Gales); Mitchell (Escocia). Por outro lado, certo número de juizes britânicos e estrangeiros se reuniram hoje na séde da "Foot-Ball Association", para discutir a uniformisação dos regulamentos de jogo e particularmente os problemas da proteção do goleiro. Assistiram notadamente esta reunião Charles de Lassalle (França); Datillo e Gallati (Italia); Van der Mee (Holanda); Lorty (Suiça); Beranek (Austria).

Os Suiços Estão Pessimistas

Segundo a opinião de funcionarios e técnicos esportivos são más as possibilidades de boa colocação da Suiça no Campeonato Mundial de Football, a ser realizado no Rio de Janeiro, em junho próximo. Esses técnicos apresentam três motivos para essa sombria previsão: 1.º) — O football na Suiça limita-se a algumas poucas cidades, vilas e aldeias, na regiões baixas do país, em qu evivem cerca de 2 milhões de pessoas. Por conseguinte, existe apenas um número restrito de bons jogadores; 2.º) — Todos os jogadores de football na Suiça são amadores e, como se dediquem ao comercio e outras profissões, têm pouco tempo para treinar; 3.º) — Não haverá uma concentração de treinamento especial para a equipe suiça escolhida para participar do Campeonato. Em vez disso, os jogadores terão apenas 3 dias como "periodo de preparação", antes de partirem.

SABE?

1 — Por que score venceu o Brasil no seu primeiro jogo no campeonato do mundo de 1938?

2 — Quando foi realizado o primeiro campeonato mundial de football?

3 — Sobre que sport Maeterlinck escreveu um livro?

4 — Se dissermos "oplomachia", a que sport nos referimos?

5 — Que rei morreu praticando o alpinismo?

(Respostas na página 11).

Marshall a nova sensação dos Sports Aquaticos

John Marshall não nadará na França nem no Japão no curso do verão atual declarou o treinador de Yale, Sr. Robert Kiphuth.

Marshall, de 20 anos, calouro em Yale, é a nova sensação dos esportes aquáticos, tendo "records" ainda não oficializados mundiais e norte-americanos em cinco provas de estilo livre. Esse jovem é requestado insistentemente para provas internacionais. O Racing Club, da França, convidou Marshall a competir em Paris aos 28 de maio, mas o calouro de Yale declinou da preferencia explicando que estará em provas na Universidade na dita oportunidade. Também não se espera que Marshall vá ao Japão mais tarde, no verão, integrando um grupo de excursões.

Suas atividades e estudo exigirão muito de Marshall", disse Kiphuth.

Marshall e o japonês Furuhashi, aparentemente, estão num mesmo nivel, indo o francês Alex Jany imediatamente após.

No mesmo dia em que Marshall decidiu em definitivo não ir à França, casualmente este a ponto de romper o "record" mundial dos 400 metros.

Sir Frank Beaurepaire, prefeito de Melbourne, cidade australiana em que nasceu Marshall, esteve visitando Yale em viagem de volta à patria após ter estado na Inglaterra. Ali quis ver Marshall em ação. Beaurepaire, um dos grandes nomes da natação do passado e agora um dos altos membros do Comité Olimpico, anotou como perito que o tempo de Marshall foi de 4:36. O ""record" mundial de Fanuhashi foi de 4:33,3 mas Marshall, em recente reunião promovida pela Amateur Atltic Union, fez 4:29,5.

"E Marshall esteve afastado dos treinos puxados durante dez dias", disse Kiphuth.

"As instalações de Yale e o treinamento são maravilhosos", declarou Beaupaire. "Nada temos que se lhes compare".

Kiphuth declarou que um dos principais defeitos no estilo de Marshall já foi corrigido por outro treinador — Burke. Consistia no mergulho do ombro direito quando Marshall levantava o braço para tomar agua.

"TEST" SPORTIVO



Clara Schroth, estenógrafa norte-americana, participou em que prova das Olimpiadas de 1948?

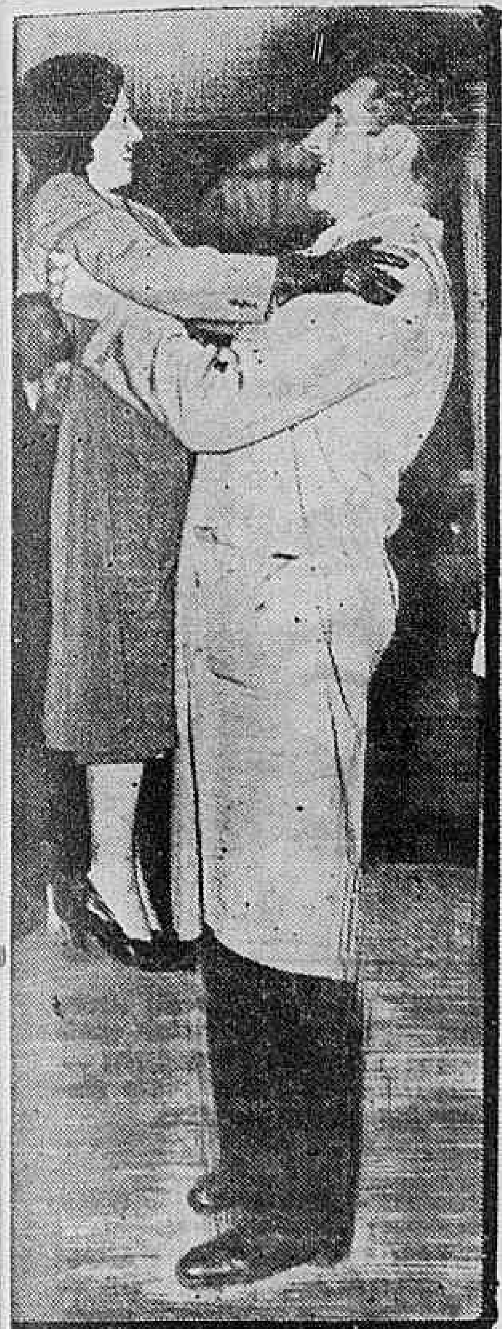
a) Iatismo

b) Ginástica

c) Esgrima

o) Tiro ao alvo

(Solução na página 11)



Conversa de Recortes

JOSE' LINS DO REGO — Os três grandes deram a Vargas Netto, um cartaz de herói. Por toda parte, onde estive só havia uma opipinião. Vargas Netto tinha sofrido um golpe cruel. Os três grandes agiram com a mais impiedosa descortesia. O pretexto que foram descobrir para ferir, pelas costas o homem querido de todos, menos do Sr. Carlito Rocha, não tem precedencia e nem justificativa.

MARIO POLLO — O motivo futil traiu a premeditação. A falta do pedido de licença era um requisito perfeitamente sanavel. Ba staria que se preenchesse a lacuna, solicitando ao presidente que cumprisse a exigencia estatutaria. Aceitamos o raciocinio — o não cumprimento de outras vezes, não era razão aceitavel para que não cumprisse agora. Um mal não firma precedente para a repetição do mal. Mas que se o convidasse a preencher a formalidade. O pretexto ingenuo denunciou o desejado epilogo.

MARIO FILHO — Não foi outro o processo do movimento para a deposição do presidente Vargas Neto, que vem sendo executado há meses, apesar dos desmentidos formais dos que vibraram o golpe. Este, inclusive, é o aspecto mais chocante, em se tratando de esportistas, do movimento em que se envolveram certos presidentes de clubes, mandantes e mandados do golpe contra o presidente Vargas Netto. Presidentes de clubes que não coraram em dizer uma coisa para fazer outra.



TIRO LIVRE

O JUIZ E' JULGADO..

MARIO VIANA —— PARAGUAIOS (3) x URUGUAIOS (2)

Na arbitragem funcionou Mario Viana, tendo como bandeirinha os juizes que acompanharam as delegações uruguaia e paraguaia. Satisfez o trabalho da equipe. — (O Globo).

Aliás, tivemos, por parte de Mario Viana, uma grande arbitragem, a concorrer ainda mais para o êxito da jornada. — Diario da Noite).

Gostamos da atuação do Sr. Mario Viana.

Foi preciso ao consignar o penalty contra os paraguaios, dupla e brilhantemente, aliás, defendido pelo arqueiro Vargas, que não caiu "de... posto"...

A expulsão de Miguez foi merecida, daí considerarmos excelente o índice técnico revelado pelo veterano "referee". — (Campeão).

Atuou regularmente. — (O Mundo).

Teve boa atuação. (A Noite)

A Morte no Ring

Em Chicago, escreveu um cronista sportivo que "o box produziu mais mortes em relação com o número de participantes que qualquer outro sport".

A partir de janeiro de 1946, ocorreram quarenta e duas mortes nos Estados Unidos em consequencia de golpes sofridos no ring, segundo Thomas Gorman, o citado cronista.

"As 13 mortes do ano de 1948 foram a continuação de uma serie de desastres que estão ocorrendo a partir dos anos em que esse sport passou a ser legal nos Estados Unidos.

De acordo com uma estatistica pública recentemente, cinco boxeurs morreram como resultado de lutas celebradas até 20 de abril deste ano; 13 durante o ano de 1948, 9 no ano de 1947 e 11 no ano de 1946.

Um pugilista não precisa ser esmurrado de maneira brutal para ficar com lesões graves. Basta ter sofrido pequenas hemorrabias e outros danos menores no cérebro, que estejam ao alcance da vista superficialmente.

Essas classes de lesões são permanentes e ao ser recebidas outras, contribuem para a perda da sanidade mental e do controle do organismo, cujo resultado é conhecido como a denominação de "punch drunk".

"Giant Jim" e a Empresaria

Miss Cole, operosa e popular empresaria de espetáculos de "catch" da Inglaterra, recebe os cumprimentos especiais de "Giant Jim", um lutador que ela contratou e que figura nas suas anotações, segundo ela declarou, como o mais alto dos "catcher" que já teve sob contrato. O flagrante foi feito na estação ferroviaria de Paddington, por ocasião da chegada do gigante.

CARTAZ



Pelo menos no que toca ao box, " antigamente ", ou "nos bons tempos", coom dizem os saudosistas, era muito pior do que hoje. Foi há mais de noventa anos. Nos albores do pugilato por dinheiro, como disse alguem que logo passou a aceitá-lo, lutavam pelo Campeonato dos Estados Unidos Dominic Bradley e um tal Rankin. O combate, que se realizava em Point Albin, começou por volta das duas horas da tarde e as cinco os dois homens continuavam trocando murros. E' bom saber que se lutava de mãos nuas, que não havia lona no tablado e qeu os combatentes não tinham protetores de nenhuma especie. Era, além do mais, permitido agarrar na cintura, na nuca ou onde fosse. Bem, eram cinco horas da tarde, como diziamos. Bradley e Rankin haviam lutado já 152 rounds! 152 rounds! Nisso, Rankin foi informado de que o promotor havia fugido, levando o montante das entradas. Foi o bastante para cair em K. O. Os espectadores fizeram uma subscrição e deram aos boxeurs uns dólares, graças aos quais puderam comer nessa noite e empreender a volta para as suas respectivas cidades.

Desde 1891 que se adotou redes nas traves dos goals. Antes, os goals rápidos provocavam grandes discussões, mas sem consequencias, porque a decisão do juiz era inapelavel.

A MARCHA DO TEMPO



Salão de Honra do Clube de Natação e Regatas, fotografia que extraimos de "Vida Sportiva" de 1919, encimando a seguinte legenda: "O valoroso gremio campeão de remos, natação, water-polo, esgrima, etc., que já participou em pugnas no Uruguai e na França foi fundado em 1896; e sua vida até hoje tem sido de conquistas brilhantes e louros merecidos. Na gravura, o Salão de Honra da querida falange Jagunça possuidora de uma diretoria incansavel e dedicada".

1940

Há 10 anos

Maio, 1. **Eleito presidente do Fluminense, o Sr. Mario Pollo resolve "estabelecer uma separação absoluta entre amadorismo e profissionalismo — Em Buenos Aires, diante da ameaça da torcida, de por fogo nas arquibancadas, o Racing desiste da venda do passe de Churco Garcia.** 3: No Pacaembú, os **baskeballers encerram a sua temporada invictos, derrotando os brasileiros por 32 a 31, na prorrogação. — 5: Quando perdia por 2 a 0, o Flamengo reage e consegue vencer o Botafogo por 3 a 2. Goals de Canali (penalty) e Zarcy; de Jorge, (2) e Sá. — O Vasco derrota o Bangú por 3 a 0. — Primo Carnera é considerado desertor do Exército francês, já que era cidadão naturalizado da França — O Bonsucesso perde para o América por 3 a 0. Renda, 6:143$000. — "Mi Acierto" vence o G. P. Prefeitura Municipal, pilotada por Geraldo Costa — Na estrada Rio-São Paulo, um incidente que Lavoura Cota o "record" mundial de ciclismo. — Na prova "Cem quilômetros contra o relogio", é batido seis vezes o "record" brasileiro.**

BILHETES DO LEITOR

CARLOS ARÊAS

JURANDIR FABEL — BELO HORIZONTE — MINAS — 1) — Rodrigues atuava pelo Ipiranga, de São Paulo, antes de vir para o Fluminense. — 2) — O Palmeiras foi campeão nos anos de 1920 — 1926 — 1927 — 1932 — 1933 — 1936 — 1936 e 1940 com o nome de Palestra Itália e nos de 1942 — 1944 e 1947 com o atual nome de Palmeiras. — 3) — Os irmãos Lima que jogadovam futebol eram sete. Mas atualmente em times profissionais só dois estão jogando: o Mário no Vasco e o Eduardo no Palmeiras. — 4) — O Botafogo tem 27 vitórias sôbre o Flamengo e 17 empates. Em compensação o Flamengo tem 29 vitórias sôbre o Botafogo. — 5) — Rejeitadas as caricaturas de Isaias, Ademir e Jaime bem como os desenhos de Oberdan, Carreiro e Augusto.

—oOo—

WELPHO ROSA — NOVA IGUAÇU — ESTADO DO RIO — 1) — Nos jogos do super-campeonato de 1946 os placards do Botafogo foram êstes: Botafogo 1 x Flamengo 0 e Botafogo 2 x Flamengo 1 — Botafogo 1 x América 0 — Botafogo 2 x América 0 — Fluminense 3 x Botafogo 1 e Fluminense 1 x Botafogo 0. — 2) — O time de water-polo compõe-se de sete jogadores, sendo um arqueiro, dois zagueiros, um centro médio e três avantes. — 3) — O time do Botafogo no primeiro jôgo do campeonato de 1948 em que perdeu para o São Cristóvão por 4 a 0, formou assim: Osvaldo — Gerson e Sarno — Marinho — Nilton e Juvenal — Paraguaio — Geninho — Zezinho — Otávio e Braguinha. — 4) — Rejeitada a caricatura de Bigode.

—oOo—

NAIR CAMPOS — RIO DE JANEIRO — As idades pedidas são as seguintes: Castilho 22 anos — Pindaro 25 — Pinheiro 18 — Pé de Valsa 25 — Valdir 20 — Flávio 22 — Santo Cristo 27 — Didi 21 — Silas 28 — Carlaile 24 — Rodrigues 25 — Mário Faria 21 — Orlando 26 "109" 22 — Lafaiete 20 e Emilson 19 — Garcia 25 anos — Juvenal 25 — Bigode 28 — Biguá 29 — Bria 28 — Beto 25 — Válter 24 — Zizinho 28 — Gringo 23 — Durval 24 — Esquerdinha 26 — Bodinho 21 — Lêro 24 — Nilton 32.

—oOo—

JORGE FERREIRA DA SILVA — MESQUITA — ESTADO DO RIO — 1) — O clube mais antigo do Rio de Janeiro (clube de futebol, bem entendido) é o Fluminense, fundado em 1902. — 2) — Rejeitados os desenhos de Dimas — Zizinho — Castilho e Indio que para começar errados vieram feitos a lápis comum.



CHICO LANDI — o campioníssimo do automobilismo nacional — num desenho do leitor Ailton Fonseca, de Vila Isabel, Rio.

—oOo—

G. PINTO — UBÁ — MINAS — 1) — O Vasco foi campeão em 1923 e 1924 na extinta Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Em 1929 na AMEA. Em 1934 na Lica Carioca de Futebol. Em 1936 na Federação Metropolitana de Desportos. Em 1945, 1947 e 1949 na Federação Metropolitana de Futebol. — 2) — O Flamengo foi campeão em 1914 — 1915 — 1920 e 1921 na Liga Metropolitana. Em 1925 e 1927 na AMEA. Em 1939 na Liga de Futebol do Rio de Janeiro. Em 1942 — 1943 e 1944 na Federação Metropolitana de Futebol. — 3) — O Fluminense foi campeão em 1906 — 1908 — 1909 — 1911 — 1917 — 1918 e 1919 na Liga Metropolitana. Em 1924 nna AMEA. Em 1936 na Liga Carioca de Futebol. Em 1937 — 1938 — 1940 e 1941 na Liga de Futebol do Rio de Janeiro.

—oOo—

LUÍS ISMAR MACHADO — DISTRITO FEDERAL — Domingos da Guia já está com 39 anos. Qual a dúvida que o senhor opõe ao têrmo zagueiro?

—oOo—

ANTONIO FACURY — UBERABA — MINAS — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos de Barbosa e Chico, os cracks vascainos convocados para a seleção nacional.



LEÔNIDAS — o veterano "center" nacional, ora técnico substituto do São Paulo — num desenho do leitor Arlindo Oquindo de Cavalcanti, Rio.

—oOo—

JORGE RIBEIRO — MARQUÊS DE VALENÇA — ESTADO DO RIO — Rejeitado o seu desenho do meia tricolor Didi.

—oOo—

ROBERTO ARAGONE — POUSO ALEGRE — MINAS — Rejeitado o seu desenho do meia Carlaile, do Fluminense.

—oOo—

JOSÉ D SOUSA RÊGO — SENHOR DO BONFIM — BAÍA — Rejeitados os seus desenhos de Indio e Tovar

SILIO RENATO CAMPOS — ILHA DO GOVERNADOR — Na fila para publicação o desenho de Danilo, mas rejeitado o do zagueiro Juvenal.

—oOo—

AOS LEITORES EM GERAL — O leitor Ubaldo Nogueira da Silva — residente à rua Rio Grande do Sul, 290 — apartamento 5 — Belo Horizonte deseja vender uma coleção dos números 540 a 590. Os interessados queiram se dirigir àquele endereço



AVILA — centro-medio do Botafogo — numa caricatura do leitor José Nolasco, de Niterói

—oOo—

HELIO DOS SANTOS — RIO DE JANEIRO — 1) — Os campeões cariocas foram: Fluminense — 1906 — 1908 — 1909 — 1911 — 1917 — 1918 — 1919 — 1924 — 1936 — 1937 — 1938 — 1940 — 1941 — 1946. Flamengo — 1914 — 1915 — 1920 — 1921 — 1925 — 1927 — 1939 — 1942 — 1943 — 1944. Vasco — 1923 — 1924 — 1929 — 1934 — 1936 — 1945 — 1947 — 1949. Botafogo — 1910 — 1930 — 1932 — 1933 — 1934 — 1935 — 1948. América — 1913 — 1916 — 1922 — 1928 — 1931 — 1935. Paissandu — 1912. São Cristóvão — 1926. Bangu — 1933. — 2) — O primeiro certame de profissionais no Rio foi disputado em 1933 tendo como campeão o Bangu. — 3) — Os campeões paulistas foram: Corintians — 1914 — 1916 — 1922 — 1923 — 1924 — 1928 — 1929 — 1937 — 1938 — 1939 — 1941. C. A. Paulistano — 1905 — 1908 — 1913 — 1916 — 1917 — 1918 — 1919 — 1921 — 1926 — 1927 — 1929. Palestra Itália (atualmente Palmeiras) — 1920 — 1926 — 1927 — 1932 — 1933 — 1934 — 1936 — 1940 — 1942 — 1944 — 1947. São Paulo F. C. — 1931 — 1943 — 1945 — 1946 — 1948 — 1949. São Paulo Atletic — 1902 — 1903 — 1904 — 1911. E. C. Germania — 1906 — 1915. E. C. Internacional — 1907 — 1928. Associação Atlética Palmeiras — 1909 — 1910 — 1915. E. C. Americano — 1912 — 1913. A. A. São Bento — 1914 — 1925. Portuguesa de Desportos — 1935 — 1936. Santos F. C. — 1935. — 4) — Apesar de tôdas as suas esperanças os seus desenhos de Jair — Ademir — Lima foram rejeitados



SWINDIN — o goleiro do Arsenal, que vem de levantar mais uma vez a Taça da Inglaterra — num desenho do leitor Italo Cesar Tapajoz, desta capital.

—oOo—

VALTER GARRIDO — PARADA DE MAGALHÃES BASTOS — RIO — Na fila para publicação oportuna o seu desenho do arqueiro Oberdan.

—oOo—

EVERALDO LOPES CARDOSO — NATAL — R. G. DO NORTE — Desculpe, mas os seus desenhos de Geraldino — Oberdan — Ademir, foram rejeitados.

—oOo—

SIMONIDES CARRIÇO — CABO FRIO — ESTADO DO RIO — Os cariocas são tetra campeões brasileiros de futebol: 1943 — 1944 — 1946 — 1950. Os quadros campeões foram êstes: 1943 — Batatais — Domingos e Norival — Biguá — Rui e Jaime (Afonsinho — Pedro Amorim — Ademir (Lelé) — Pirilo (J. Pinto) — Tim e Vevé. — 1944 — Batatais — Mundinho (Norival) e Augusto (Nilton) — Biguá (Ivan) — Danilo e Jaime — Pedro Amorim — Zizinho — Heleno — J(air e Jorginho. (Também jogaram Djalma — Geraldino e Isaias. 1946 — Luis — Augusto e Norival (Haroldo) — Biguá (Eli) — Danilo e Jaime (Jorge) — Pedro Amorim — Ademir (Maneco) — Heleno — Orlando (Ademir) e Rodrigues (Chico). 1950 — Barbosa — Santos e Juvenal — Eli — Danilo (Alfredo) e Bigode — Nestor (Tesourinha) — Maneca — Ademir — Ipojucan e

ANTENOR ESTEVES — MARCELINO RAMOS — R. G. SUL — 1) — A assinatura anual desta revista custa apenas Cr$ 40,00. O pedido deve ser encaminhado diretamente à gerência com a importancia encaminhada por meio de cheque, vale postal ou registado com valor declarado. — 2) — Não temos fotografias para dar nem para vender. — 3) — Rejeitadas as caricaturas de Pirilo e Ademir. Primeiro porque foram feitas a lápis comum e segundo porque aquele papel fino, tão bom para cópias, nos deixou serias dúvidas sôbre a real autoria das mesmas.

—oOo—

DORACI DE CRISTO COSTA — ITATIAIA — ESTADO DO RIO — Rejeitado o seu desenho do ponteiro Tesourinha.

O Que Muitos Não Vêem Numa Partida De Basketball

BUD BROWNING, TREINADOR DE UM FAMOSO "FIVE" NORTE-AMERICANO, ENSINA NESTE ARTIGO A APRECIAR O ASPECTO TÉCNICO DE UM JOGO

BUD BROWNING salientou há tempo, num artigo, os conhecimentos que deve possuir o espectador de basketball, se quiser desfrutar plenamente das alternativas desse jogo. Referiu-se, então, à ação individual dos jogadores e às normas que devem ser aplicadas para julgá-los. Agora, em seu segundo trabalho, fala do aspecto provavelmente mais interessante do basketball moderno: o ataque. Os sistemas ofensivos, como são e como se os pode distinguir. E' uma lição muito importante para o espectador de basketball, porque os sistemas ofensivos se converteram numa ciencia complicada, tão abstrusa às vezes como a matemática avançada, e é facil perder-se nas complexas evoluções dos jogadores.

Bud Browning está muito bem qualificado para dar essa lição. O veterano jogador e manager que visitou recentemente a América do Sul à frente do "Phillips 66", foi treinador do conjunto norte-americano que se classificou campeão na Olimpiada de Londres. Sob sua direção, o "Phillips 66" foi seis anos consecutivos campeão nacional dos Estados Unidos. E foi ele, pessoalmente, quem deu forma a essa equipe invencivel.

Disse Bud Browning que "um dos espetáculos mais formosos para um amante do esporte é o que lhe oferece uma equipe de basketball habil e formada por astros individuais bem coordenados entre si, quando se lança à ofensiva. Mas não é facil apreciá-la em todo o seu valor. E' preciso, para isso, conhecer os rudimentos do basketball ofensivo.

Acima de tudo é necessario recordar que, para que qualquer plano de ataque seja efetivo, deve basear-se na capacidade individual de seus jogadores. Cada um deles tem que dominar dos completo os fundamentos do basketball: o lançamento, o passe, o jogo de pernas e pés e o dribling. Mas, ainda dominando esses pontos básicos, é necessario um sistema que aproveite ao máximo essa habilidade individual. Um plano ofensivo que faça atuar coordenadamente os cinco atacantes na tarefa de avançar pelo campo contrario e levar a bola té o cesto.

Existem dois tipos fundamentais de ataque: o rápido e o sistema lento e pausado, de jogadas preconcebidas O "Phillips 66" prefere aplicar o rápido em todas as ocasiões favoraveis, porque está convicto de que nenhum outro sistema oferece tanta oportunidade para os chegar ao cesto.

A teoria da ação rápida é levar a bola ao campo contrario antes de que a defesa possa preparar-se. Nesse sistema, o quadro que ataca deve esforçar-se por superar numericamente os defensores dentro de seu proprio territorio. O ideal é ter dois homens contra uma defesa, três contra dois, ou quatro contra três.

O ataque rápido começa quando a bola troca de mãos. Geralmente, ao ser interceptado um rebote. Mas deve-se recordar que não pode ser empregado sempre que a bola chegue às mãos de uma equipe. Os jogadores devem acostumar-se a saber quando é possivel. Se a defesa está preparada, a jogada rápida não pode ter êxito.

Em nosso sistema — disse Browning — consideramos a quadra dividida em três partes: a zona central e duas zonas laterais. Quando a bola é obtida, num rebote, a defesa passa imediatamente ao homem colocado na zona central. Este parte, driblando, até o cesto contrario. Dois de seus companheiros, um cada zona lateral, o acompanham ladeando a um metro atrás.

A bola deve permanecer o mais possivel no setor central. Assim há maiores possibilidades de goal ao chegar ao cesto. O jogador que avança pelo centro pode lançar ao cesto, passar a um dos seus companheiros laterais ou fazer um "pivot", e passar a um dos que ficaram mais atrás.

Quando o jogador central encontra um obstáculo em seu caminho, passa a bola a um dos atacantes laterais que, imediatamente, dribla para o centro, e continua por ali. O que entregou a bola vai ocupar o posto lateral que tinha seu companheiro.

Quando o homem que leva a pelota chega à linha do tiro livre, os dois jogadores laterais entram, em ângulo de 45 graus, para ele. O que leva a bola pode escolher: lança ele mesmo ou faz um passe a qualquer dos seus companheiros.

O ataque rápido nãço pode ser forçado. Se a defesa está preparada, ou se tem superioridade numérica, é preciso reter a pelota e experiemntar uma jogada preconcebida.

O ataque rápido requer um excelente estado fisico. Os jogadores devem estar em condições de avançar rapidamente, passar a grande velocidade e com precisão, e adotar decisões instantaneas, acerca do que devem fazer.

ATAQUE COM "PIVOT"

Sempre que não seja possivel o ataque rápido é necessario reter a bola e entrar num estilo lento de ataque. Para o "Phillips 66", temos achado preferivel não considerar uma serie de jogadas preconcebidas em que cada homem tenha uma tarefa definitiva, sem criar um estilo geral, que permita a cada jogador usar sua propria iniciativa na procura de oportunidades. Este estilo serve para equipes cujos integrantes possuam consideravel experiencia. Em outro caso, é melhor fixar a cada homem sua tarefa exata

Nosso ataque se baseia num "pivot", ou homem-chave, que se movimenta na zona de tiro livre, voltado de costas para o cesto. Esse homem serve como centro de recepção e distribuição de passes para seus quatro companheiros, que se movem na zona de ataque, tratando de se livrar dos adversarios. Pode tambem o "pivot" girar sobre si mesmo e lançar ao cesto.

Quando tem a bola em seu poder, deve fazer fintas com a cabeça e os ombros, ou ameaçar com passes ou tiros fingidos. Isto impede que a defesa permaneça em equilibrio e descoloca os defensores. Entretanto, seus companheiros devem mover-se constantemente, procurando tirar a frente dos adversarios. Tarde ou cedo, os bons passes e a rapidez dos movimentos abrirão uma brecha para o lançamento.

Não é necessario que o "pivot" entregue a bola a cada companheiro que se descoloque. Ele é quem deve decidir quando a oportunidade é favoravel. Se esta não se apresenta, deve devolver a bola a um companheiro situado no fundo da quadra. Nao é raro que isto suceda varias vezes antes de que se lance o ataque definitivo.

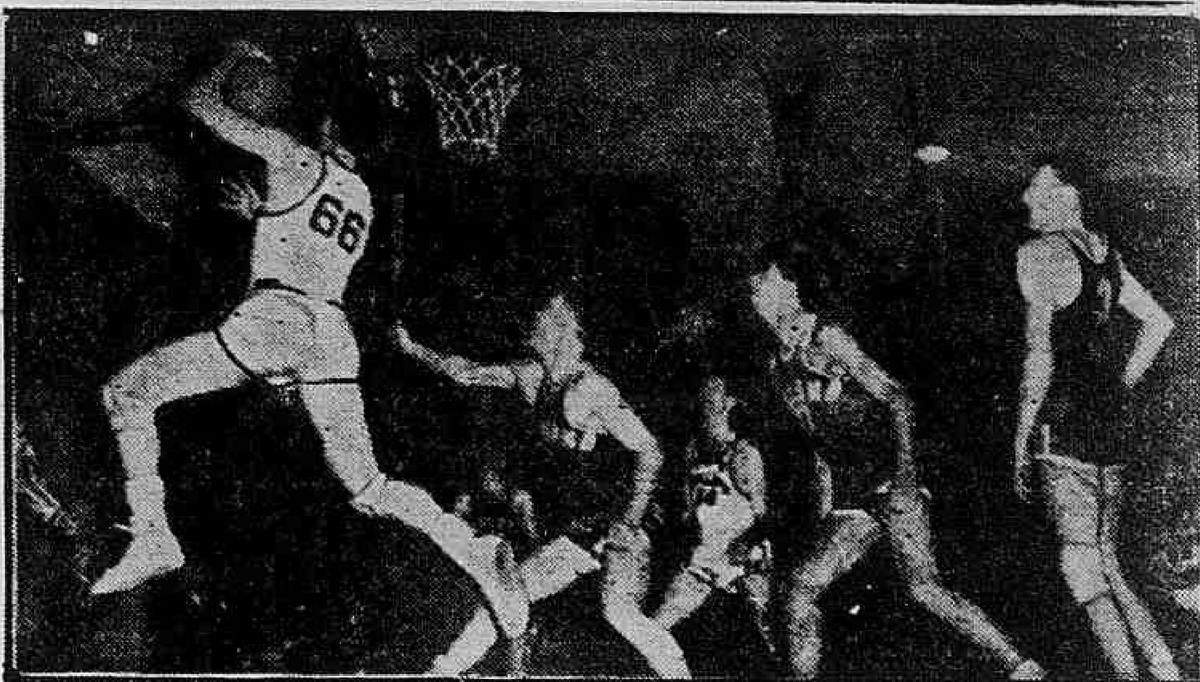
JOGADAS PREPARADAS

Há jogadores que preferem empregar jogadas preparadas de antemão. Nelas, cada homem tem uma tarefa precisa que deve cumprir ao lhe ser dado o sinal. Os quadros que utilizam esse tipo de ataque dedicam muito tempo a aperfeiçoá-lo, para que cada homem saiba exatamente o que deve fazer e quando deve fazê-lo. Sustem os partidarios desse tipo de jogo que este tem êxito precisamente por essa circunstancia. Cada um sabe o que vai fazer e o que vão fazer os seus companheiros, e a ação se coordena perfeitamente. Assim se obtem um rendimento máximo de cada um.

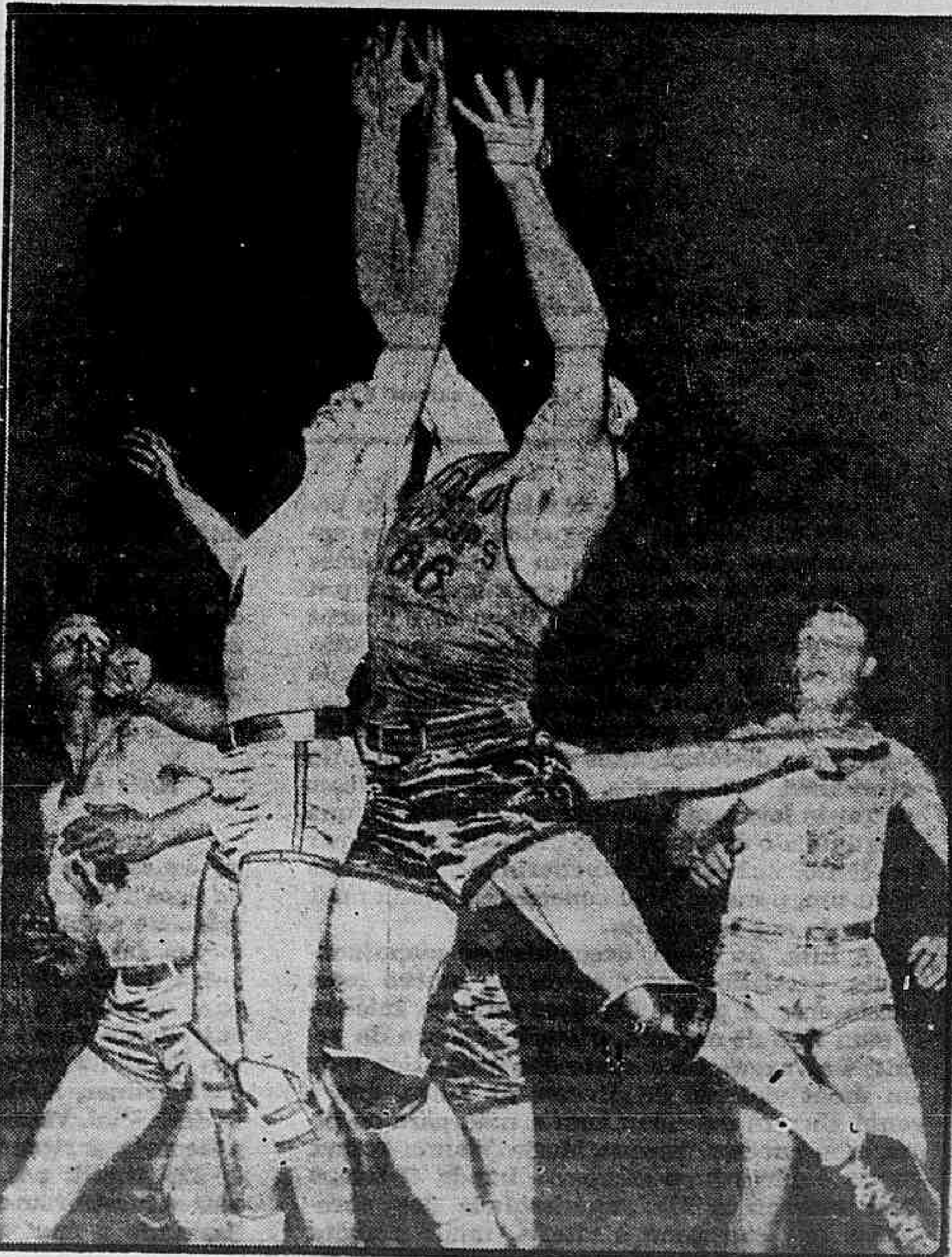
Sem embargo, há falhas importantes. Em primeiro lugar, as jogadas preconcebidas não podem dar resultado por muito tempo contra um quadro inteligente. Ao se repetir pela terceira ou quarta vez, os defensores se preparam para fazer-lhe frente. Alem disso, os jogadores se toriam demasiado mecânicos. Deixam de pensar por si mesmos e se limitam a cumprir as instruções recebidas. Às vezes, o "Philipes 66" emprega uma jogada preparada especialmente para um determinado adversario. Nesses casos(se utiliza a jogada uma ou duas vezes, em momentos criticos do encontro. Considermos muito melhor permitir que nossos jogadores apliquem sua propria iniciativa.

No "Phillips 66" temos uma regra que aplicamos sempre: Existindo dúvidas acerca do exito de uma jogada, se entrega a bola a um companheiro retrasado. E' mais importante controlar o balão que tentar um ataque forçado, sem boas probabilidades de exito

Depois de ler estas notas, o espectador pode apreciar os estilos de ataque. O homem-chave é o homem-chave é o "pivot". Quando uma jogada estiver em desenvolvimento, é preciso fixar-se nele. Porque a capacidade do centro decide muitas vezes o resultado da partida.



Um rebote é quase sempre o ponto de partida para o contra-ataque rápido, a melhor arma de ataque no basketball. Em dois ou três movomentos, deve levar-se a bola ao campo contrario para surpreender a defesa



A jogada resultou de um contra-ataque. Entra velozmente um atacante para encestar, quando os esforços da defesa são já tardios. Os jogadores sempre devem estar bem treinados, para variar seus movimentos ofensivos de acordo com as circunstancias

OUTRA SURPRESA DOS PAR



O arqueiro guarani Vargas no utra sensacional intervençã



Defesa de Vargas,

Não chegou a empolgar o transcurso da peleja que uruguaios e paraguaios travaram em São Januario. Em que pesem algumas poucas passagens interessantes, a partida foi de um football frio, com dois teams discretos e poucos valores destacados. Os selecionados apresentaram-se com as caracteristicas que lhe têm sido peculiares, isto é, os paraguaios jogando à base da velocidade, do entusiasmo, tirando partido dos rápidos deslocamentos em campo, enquanto os orienais, mais lerdos, mais clássicos. Nesse confronto levaram a melhor os paraguaios, que da igualdade do placard no primeiro tempo, por um tento, subiram à superioridade, marcando três a um, para no final concederem ainda mais um tento aos uruguaios.

A luta, de inicio, desenrolou-se monotanamente, persistindo os quadros no mutuo reconhecimento. A partir dos doze minutos iniciou-se uma fase de alguma vibração, reflexo do penalty de Vargas, do empate dos uruguaios, e de um shoot violento de Alvarez na trave, que o ponta Uugain emendou com a mão para as redes, sem sucesso, porque Mario Vianna estava atento e não deixou escapar o hands. O tempo final marcou nitida superioridade dos paraguaios que chegaram à vitoria, muito embora fosse ela ameaçada à última hora com um goal aos quarenta e três minutos, um bombardeio à porta do goal de Vargas. A defesa guarani descontrolou-se, rebatendo de qualquer forma. Mas apesar da iminencia de empate, o perigo passou pela exiguidade de tempo, ficando a vitoria do Paraguai por três a dois. Diga-se que a vitoria guaraní foi o fruto de melhor disposição e maior acerto dos dianteiros vencedores, enquanto o team oriental, com muitas, falhas, não teve a combatividade do adversario para suprí-la. Houve até a chance do penalty perdido, que deu ensejo a duas espetaculares intervenções do goleiro Vargas.

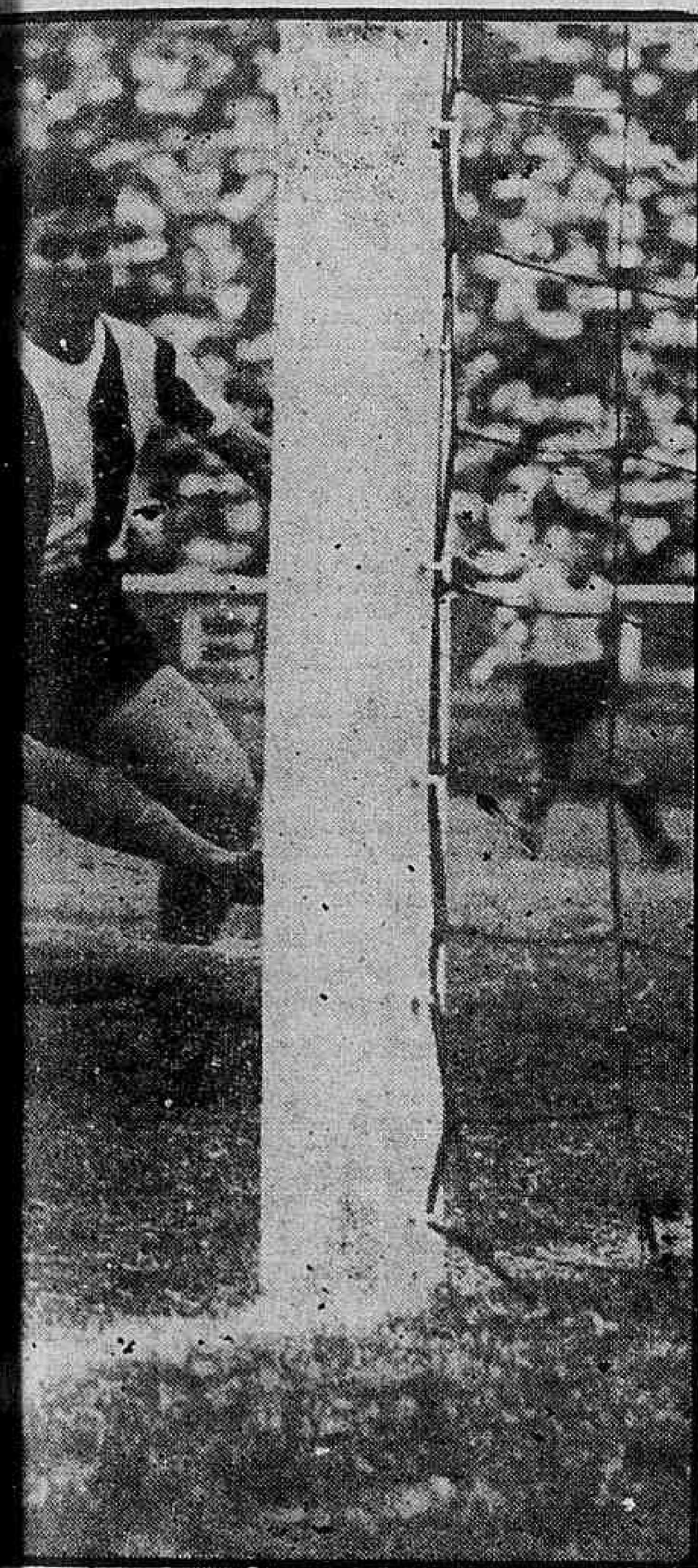
NÃO ACERTARAM OS URUGUAIOS

A equipe uruguaia, que no primeiro tempo conseguira equilibrar a partida, a despeito de suas falhas, sofreu no segundo periodo decréscimo sensivel de produção. O motivo, certamente, foi o grande número de alterações que, longe de beneficiar a equipe, serviram apenas para acentuar a fraqueza dos varios setores. A entrada de Tejera foi prejudicial, e a substituição do ainda grande Obdulio Varela, De Angelis, Martinez. Schiaffino e Villamide, entrand • Rodolfo Pini, Vanoli, Matias Gonzalez, Gambeta e Cancela. A rigor somente surtiu efeito a troca de De Angelis por Vanoli, de vez que todos os outros mostraram-se inferiores aos substituidos. Passando a uma apreciação individualista dos uruguaios, pode-se dizer que o arqueiro Paz não comprometeu. Martinez foi um bom zagueiro, exibindo jogo bastante clássico Vilches, entusiasta, formou boa zaga. Tejera fraquissimo, denotando absoluta falta de forma. Obdulio Varela foi a melhor figura da intermediaria. O ataque esteve apagado, pois que nem mesmo Juan Schiaffino conseguiu fazer alguma coisa. Todos os atacantes fracos, incapazes de aproveitar com êxito as oportunidades de goal.

O DESENVOLVIMENTO DA PARTIDA

A primeira chance para a abertura do escore pertenceu aos uruguaios, que a desperdiçaram. Vargas, driblado por Perez que ia para o arco, derrubou-o na area fazendo-o errar o shoot. Miguez cobrou a penalidade máxima para Vargas rebater. O proprio Miguez emendou a rebatida mas o goleiro voltou a aparar e a bola, nos pés de Gonzalito, afastou o perigo. Ao quinze minutos, isto é, dois minutos depois, um ataque rápido dos paraguaios pela direita, determinou a abertura da contagem. Lopez saltou cabeceando um centro da direita, encobrindo o goleiro Paz que saira do arco. Passado apenas um minuto, o Uruguai revidou empatando a partida. Schiaffino foi o autor do ataque, desviando-se para a esquerda e centrando da linha de fundo. A pelota nos pés de Brito, foi shootada de pronto, de pé esquerdo, fulminando o keeper paraguaio. No segundo tempo com três minutos, o Paraguai já estava em vantagem. Leguizamon investiu pela meia esquerda, atirando forte no meio do arco. Aos oito minutos foi expulso de campo o comandante uruguaio Miguez, por tentar agredir um adversario na disputa da bola. Aos 21 minutos os

AGUAIOS



o goal parecia certo

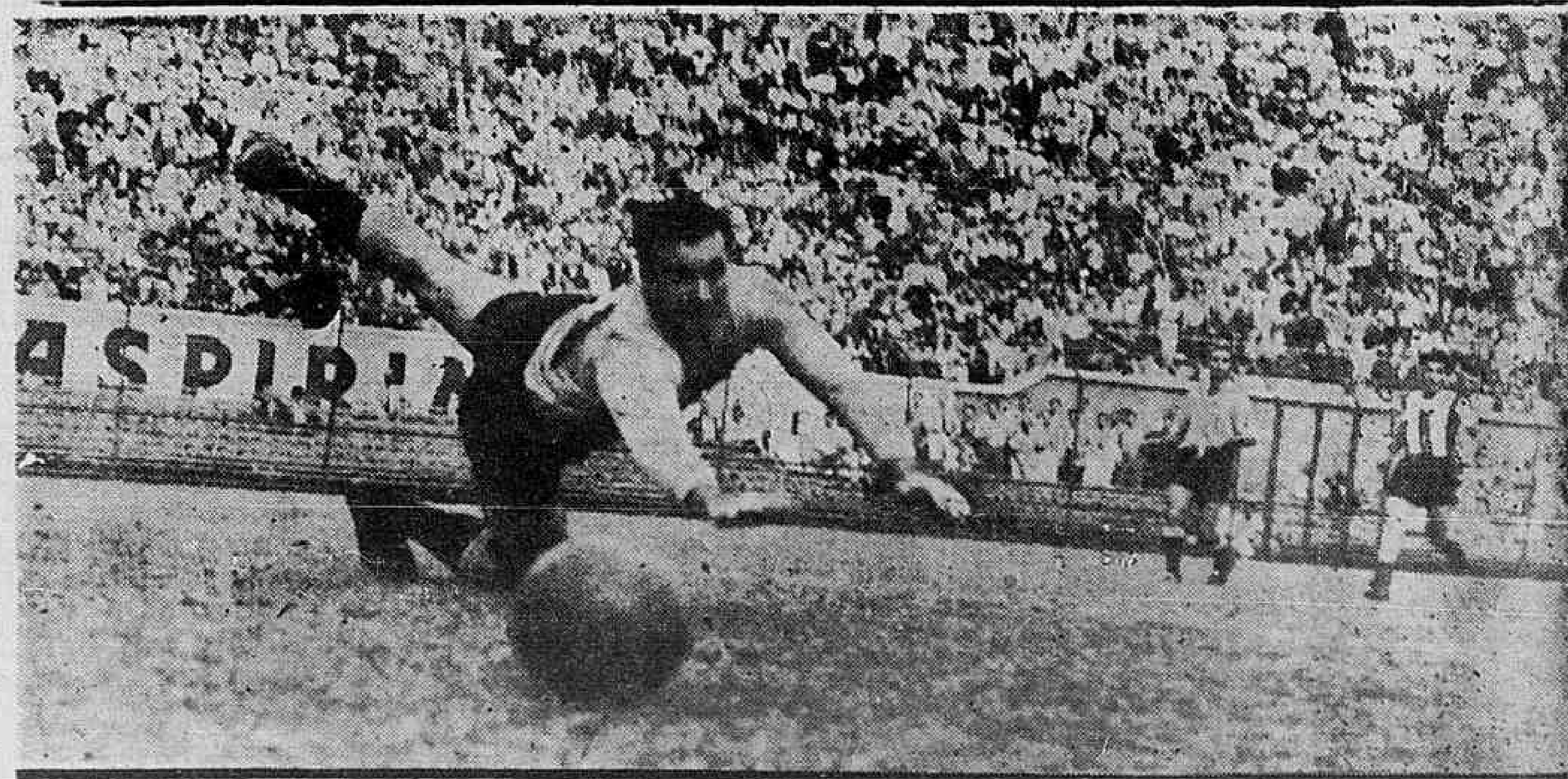


Viches, um dos novos da equipe uruguaia, sendo socorrido

guaranis chegaram ao terceiro goal, quando Alvarez fechou espetacularmente pela esquerda. Quase ao final, aos 43 minutos, Julio Perez inteiramente solto frente ao arco, recolheu um shoot de Britos que fora à trave, marcando o goal em situação que reputamos irregular.

OS PARAGUAIOS JOGARAM PARA GANHAR

Conquanto pecassem tambem em varios setores, os paraguaios souberam decidir a partida pelo dinamismo de seus craks. No que toca às substituições feitas, não há críticas a fazer de vez que a produção dos que entraram no team não determinou qualquer alteração no rendimento da equipe. A defesa mostrou-se relativamente firme, pouco serena, entretanto, quando se lhe deparavam situações críticas, ocasião em que as bolas eram rebatidas de qualquer forma. O ataque só teve, em realidade, uma figura de relevo, que foi o comandante Alvarez. Distribuindo e deslocando-se sempre com incrivel rapidez, o center paraguaio foi sempre um perigo para o arco de Paz, culminando por ser o autor do goal da vitoria. Lopez e Lopez Fletes foram dois meias por vezes eficientes, enquanto os ponteiros nada fizeram. A defesa apresentou-se com um bom goleiro que é Vargas. Gonzalito e Gonzalez formaram uma zaga firme. Entre os medios, Leguizamon foi o que mais impressionou, enquanto Cantero, mostrou-se um elemento valoroso pela sua energia.



Paz atirando para defender. O guardiã o uruguaio não esteve numa tarde feliz

● *Torneios Dos Jogos Olimpicos (1)*

De Alberto Laurence

Os Titulos Oficiais Dos 16 Concorrentes

Do Maior De Todos Os Campeonatos Mundiais

Conhecemos, afinal de contas, a lista oficial dos 16 paises classificados para disputarem no Brasil, entre o sábado 24 de junho e o domingo 23 de julho, a IV Taça Jules Rimet (Taça do Mundo), o maior de todos os "campeonatos mundiais" que conheça a historia do football.

Pois, na verdade, nunca houve, oficialmente, "campeonato do mundo" de football, mas até 1928, poderemos admitir que o "profissionalismo", existindo de modo oficial e organizado somente na Grã-Bretanha, o torneio de football dos Jogos Olimpicos constituia verdadeiro campeonato universal, enquanto desde 1930 a "World Cup" ou "Coupe du Monde" (hoje "Coupe Jules Rimet") representou o mesmo papel, nenhuma "edição" destas duas competições, alcançoc, aliás, o carater, a importancia é o brilho do certame que todos chamam pelo mundo inteiro de "Torneio do Rio".

A lista dos 16 ficou então estabelecida, na última reunião da Comissão de Organização da Taça Jules Rimet, do modo seguinte:

AMERICA DO SUL — BRASIL, URUGUAI, PARAGUAI, CHILE e BOLIVIA
AMERICA DO NORTE — ESTADOS UNIDOS e MÉXICO.
ASIA — INDIA.
EUROPA — ITALIA, INGLATERRA, SUECIA, ESPANHA, IUGOSLAVIA, SUIÇA, PORTUGAL e FRANÇA.

Quais são os "titulos" oficiais conquistados por estes 16 paises nos torneios mundiais dos Jogos Olimpicos ou da Taça Jules Rimet, é o que vamos passar em revista imediatamente.

QUATRO OU CINCO "CAMPEÕES DO MUNDO"

Antes da Primeira Guerra Mundial houve um único "campeão do mundo", a Grã-Bretanha, cujo selecionado venceu o primeiro e o segundo torneios de football dos Jogos Olimpicos, em Londres (1908) e em Estocolmo (1912). E não havia motivos de discutir o carater e o valor destes torneios.

Já entre as duas guerras mundiais, de 1920 até 1930, em particular, a coexistencia do amadorismo e o fato que os Jogos Olimpicos só fossem abertos aos amadores, tirou uma parte de seu prestigio a estes torneios, desestados pelos britânicos e vencidos pela Bélgica em Antuerpia (1920) e duas vezes pelo Uruguai, em Paris (1924) e Amsterdam (1928).

Em 1930, a FIFA criou a "World Cups" que, disputada pela primeira vez em Montevidéu, acabou com uma terceira vitoria do Uruguai. Em 1934, na Italia e em 1938 na França, foi a famosa "squadra azzurra" italiana que venceu. Entrementes, em 1936, houve um Torneio de Football dos Jogos Olimpicos de Berlim, tambem vencido pela Italia.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial tivemos os Jogos Olimpicos de Londres (1948) e seu torneio de football de pouco relevo, sempre aberto só aos amadores, enquanto os maiores jogadores do mundo inteiro são profissionais e foi a Suecia quem venceu.

Houve, portanto de fato, quatro grandes "campeões do mundo" cujos três mais representativos, valorosos e famosos tornarão a encontrar-se no Brasil: Inglaterra, Uruguai e Italia.

Resumindo, vemos que cinco paises somente foram campeões:
INGLATERRA (1908 e 1912).
BÉLGICA (1920).
URUGUAI (1924, 1928 e 1930).
ITALIA (1934, 1936 e 1938)
SUECIA (1948, só amadores)

E como já dissemos, o titulo da Suecia não tem o mesmo valor dos outros, pois apenas a Iugoslavia e a Dinamarca mandaram a Londres a "nata" dos seus jogadores (assim como a Suecia), enquanto os outros paises estavam representados por selecionados de amadores.

Vamos então passar em revista a conduta dos 16 concorrentes do próximo Torneio Mundial nos dez precedentes certames, começando pelos sete torneios dos Jogos Olimpicos e deixando para a próxima vez as três Copas do Mundo.

B R A S I L

O Brasil nunca participou dos torneios de football dos Jogos Olimpicos. Compareceu, porem, nos três campeonatos mundiais (Taça do Mundo) organizados pela FIFA e foi um dos motivos que lhe valeram a honra de tornar-se a sede do quarto.

U R U G U A I

O Uruguai participou dos Torneios Olimpicos de 1924 (Paris e 1928) (Amsternam) e triunfou em ambas as ocasiões.

1924 — Venceu sucessivamente a Iugoslavia por 7x0, os Estados Unidos por 3x0, a França por 5x1, a Holanda por 2x1 e na final a Suiça por 3x0 (Paris).

1928 — Venceu sucessivamente a Holanda por 2x0, a Alemanha por 4x1, a Italia por 3x2 e na final a Argentina por 2x1, depois de um primeiro jogo empatado por 1x1 (Amsterdam).

O Uruguai não participou dos Torneios Olimpicos de 1908, 1912, 1920, 1936 e 1948.

PARAGUAI E BOLIVIA

Nunca participaram dos Torneios de Football dos Jogos Olimpicos.

C H I L E

O Chile, talvez animado pelo triunfo dos Uruguaios em 1924, veio participar do Torneio dos Jogos de Amsterdam em 1928. Foi, contudo, eliminado logo no primeiro jogo, vencido pela contagem de 4x2, por Portugal, que tambem estreava nas grandes competições internacionais de football. O Chile não participou dos Torneios de 1908, 1912, 1920, 1924, 1930 e 1948.

ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos, apesar da pouca popularidade e da qualidade técnica apenas regular do seu football, é um "habituado" fiel dos torneios mundiais desde 1924 (não participou dos Torneios de 1908, 1912 e 1920):

1924 — Os Estados Unidos venceram a Estonia por 1x0 e foram eliminados nas oitavas de final, por 3x0, pelo Uruguai, futuro campeão.

1928 — Pouca sorte tiveram os americanos do norte que, logo no primeiro jogo (oitava de final) tiveram que encontrar a Argentina e foram eliminados pela contagem significativa de onze goals a dois.

1936 — Performance muito mais honrosa, embora eliminados tambem desde o primeiro jogo (oitavas de final) Os Estados Unidos jogaram contra a Italia, futuro campeão, e perderam pela contagem minima (1x0).

1948 — Outra vez os Estados Unidos foram eliminados desde o primeiro jogo (oitavas de final) pela Italia, porem pela contagem pesada de 9x0.

M É X I C O

Como o Chile, o México participou pela primeira vez de um torneio mundial em 1928 nos Jogos Olimpicos de Amsterdã.

1928 — Eliminados desde o primeiro jogo (oitavas de final) pela Espanha, pela con-

1936 — Não participou.

1948 — Eliminado desde o primeiro jogo (oitavas de final) pela Corea, por 5x3.

I N D I A

A India compareceu pela primeira vez no "concerto" do football internacional no Torneio dos Jogos Olimpicos de Londres em 1948.

Perdeu desde o primeiro jogo (oitavas de final) eliminada por 2x1, contagem honrosa, pelo selecionado de amadores da França. Foi nesta ocasião que os hindús jogaram com oito jogadores descalços, o que incomodou bastante os gauleses

P O R T U G A L

Portugal estreou em 1928 em Amsterdam (não participou dos Troneios de 1908, 1912, 1920 e 1924).

1928 — Portugal venceu o Chile por 4x2 e a Iugoslavia por 2x1. Depois foi eliminada pela Tchecoslovaquia por 7x0.

Não participou tampouco dos torneios olimpicos de 1936 e 1948.

I U G O S L A V I A

A Iugoslavia (antiga Servia) estreou quando nascia, apenas em 1920, no torneio de Football dos Jogos Olimpicos de Antuerpia.

1920 — A Iugoslavia foi eliminada desde o primeiro jogo (oitava de final), vencida pela Tchecoslovaquia por 77x0.

1924 — A Iugoslavia teve o azar de ser o primeiro adversario dos uruguaios em Paris (1/16 de final) e caiu esmagada pelos sul-americanos, tambem pela contagem de 7x0.

1928 — A Iugoslavia foi novamente eliminada desde o primeiro jogo (oitava de final), vencida por Portugal pela contagem desta vez honrosa de 2x1.

1936 — Não participou.

1948 — A Iugoslavia venceu sucessivamente Luxemburgo por 6x1, a Turquia por 3x1 e o selecionado de amadores da Grã-Bretanha (em semi-final) por 3x1 tambem. Foi vencida na final pela Suecia, por 3x1, e classificou-se portanto como vice-campeão olimpico

E S P A N H A

A Espanha, cujo football engatinhava antes da primeira guerra mundial, estreou brilhantemente no orneio dos Jogos Olimpicos de Antuerpia (1920).

1920 — A Espanha venceu a Dinamarca (finalista dos torneios de 1908 e 1912) por 1x0 e perdeu pelo pais organizador, a Bélgica, por 3x1, em quarta de final. Depois, no torneio de "consolação", a Espanha venceu sucessivamente a Suecia por 2x1, a Italia por 2x0 e a Holanda por 3x1. E se beneficiando da desclassificação da Tchecoslovaquia, por má conduta, a Espanha ganhou o segundo lugar oficial do Torneio, imediatamente atrás do campeão, a Bélgica.

1924 — A Espanha perdeu, infelizmente, desde o primeiro jogo (1/16 de final), vencida pela Italia, pela contage mminima (1x0), depons de uma luta memoravel nos anais do football mundial, o único goal, sendo um goal contra do zagueiro espanhol Vallana, um dos melhores jogadores no campo naquela dia.

1928 — A Espanha venceu a Estonia por 2x0 e o México por 7x1. Depois jogou novamente em quarta de final contra a Italia e empatou (1x1, depois das prorrogações). No jogo de desempate, os espanhóis tiveram que escalar um quadro de reservas, por motivo de numerosas contusões dos titulares, e foi vencida pela Italia pela contagem inesperada e exagerada de 7x1.

A Espanha não participou dos Torneios dos Jogos Olimpicos de 1936 e de 1948.

(A seguir)

Instante decisivo!
Também num instante
BAYER
Instantina
CORTA os RESFRIADOS


m-m-m! Grapette é uma uva!


QUEM BEBE Grapette REPETE!

BRASIL, O Favorito De Palmer

ESTOCOLMO, maio (De Geraldo Romualdo da Silva — Enviado especial d'O GLOBO SPORTIVO — Via SAS) — Jovem, mas internacional consagrado, tanto que traz nos ombros a expressão de muitas vitorias conseguidas em favor das cores da Suecia, Karl Palmer sabe muito bem que a inclusão de seu nome na lista dos futuros scratchmen já não depende dele somente, porque a finura do corpo, essa quase fragilidade que o torna um juvenil de 20 anos, não poderá ser transformada da noite para o dia. Impressiona e dá pena saber, principalmente contado por ele proprio, o muito que tem feito — dormir cedo, alimentar-se o maximo, descansar após cada refeição — só para ver se consegue subir de peso.

— Mas não há jeito. Tenho feito o impossivel, tenho tentado até com médicos especialistas — só a balança não acusa melhora alguma...

SE FOR ESCOLHIDO, MUITO BEM

Indagamos:

— Mas você espera ser escolhido, não espera?

— Pelo menos estou lutando para não dar margem a que me cortem...

— E se você for cortado ?

— Ficarei triste e me limitarei a torcer pelos que tiveram a ventura de voar até o Rio.

— Desejaria voltar ao Rio ?

— Quando mais não seja, para provar que posso jogar um pouco mais do que joguei.

Sorri e acrescenta:

— Mais do que tudo — estou brincando com o passado — pela honra de defender as cores da Suecia.

— E' verdade que você tem um convite animador para se tornar profissional na Italia?

— Tenho. É, realmente, um convite capaz de me fazer independente financeiramente.

— Por que não o aceitou como os outros ?

— Porque sobreexistirá sempre o perigo de encerrar minha carreira perante meu público e perante meus pais; sobretudo perante meus pais, que são os meus maiores e melhores torcedores.

— Encerrar a carreira, de que maneira ?

— Ora, então você não sabe que jogador sueco que se torna profissional é jogador morto para a Federação?!

O BRASIL E' UM CANDIDATO SERIO, MAS A INGLATERRA TAMBEM É...

Tentamos nova pergunta — "Qual é o seu candidato ao titulo de vencedor da "Copa do Mundo"? — e Palmer, sorriso de criança (no fundo não passa mesmo de uma criança), respondeu:

— Não é que eu queira ser agradavel aos brasileiros — pra que, se o fim de meu football se dará aqui? — mas acredite que tenho vocês no melhor dos cálculos. Aliás, para ser mais claro, existem, a meu ver, dois candidatos reais e indiscutiveis ao torneio de 1950: o Brasil e a Inglaterra.

— A Italia, não ?

— Parece que não. E' uma suposição apenas...

— Que foi que mais surpreendeu a você no football brasileiro ?

— A facilidade dos forwards em shootar a goal.

— Não gostou das defesas brasileiras ?

— Gostei de algumas. Diziam-me maravilhas da defesa do Vasco, mas eu não cheguei a ver em ação o famoso sexteto campeão sul-americano.

E concluiu:

— Admito, porém, que se o Campeonato do Mundo chegar a ser decidido entre ingleses e brasileiros, os brasileiros terão pela frente uma tarefa duríssima, pois a retaguarda da Inglaterra não é facil de ser transposta.



Palmer em pleno treinamento com Nilson, em Boson

NOVA LEI DE CONTRATO NA INGLATERRA

LONDRES, maio (De Geraldo Romualdo da Silva — Enviado especial d'O GLOBO SPORTIVO — Via Panair) — Recentemente 88 delegados pertencentes (o que é muito importante), a 88 clubes profissionais filiados à Liga Inglesa, reuniram-se na cidade de Manchester para assumir uma decisão que se anunciava importante em face do regime.

O conclave foi presidido pelo ex-jogador do Portsmouth, James Guthrie, defensor da criação de um sindicato oficial e obrigatorio, que venha a amparar os profissionais, sabendo-se que a "União" aprovou duas propostas bastante discutida nos dias atuais. A primeira aconselha que os membros do Sindicato poderão recusar-se a atuar com outros elementos que não façam parte da Organização. E a segunda — mais positiva — estabelece que os signatarios do convenio recorreriam, a partir da data que assinalou a reunião, à arbitragem do Ministerio do Trabalho, caso não venha a ser elaborada uma nova especie de contrato a ser subscrito pelo Comité, constituido pela "União dos Jogadores", pela Federação Inglesa e pela Liga Inglesa.

O contrato em discussão prevê um espaço de tempo máximo de duração dos compromissos, o qual será limitado entre um, dois e três anos, findo o qual será permitido ao atleta retomar a liberdade.

De uma maneira geral, tanto a Liga como a Associação parecem de acordo com a proposta. E o Ministerio do Trabalho tambem. Apenas o entusiasmo dos peliteantes esfriou um pouco diante da alternativa de terem de ligar o projeto à necessidade de deixar com o Fisco sessenta por cento de suas futuras economias...

SE NÃO SABE...

1 — 6 a 5 (Jogo com a Polonia).
2 — 1930, em Montevidéo.
3 — Box (Lelogie de la boxe).
4 — Esgrima
5 — Rei Alberto da Bélgica.

"TEST" SPORTIVO

(Solução)

c) Esgrima

BIOGRAFIA DOS CRACKS ESCOCESES


WADDELL (Rangers)


MOIR Bolton


BAULD (Hearts)


STEEL (Derby)


LIDDELL (Liverpool)


COWAN Morton

LONDRES, maio (De Geraldo Romualdo da Silva — Enviado especial d'O GLOBO SPORTIVO — Via Panair) — Presentemente inferior, na verdade, ao team nacional da Inglaterra, de fato e indiscutivelmente por um desses fenômenos naturais do football — um ano o inglês aparece melhor, no outro o escocês — o selecionado da "Scottish Football! Association" não deixa nem assim de constituir uma excelente força atrativa pela expressão individual da maioria de seus integrantes, como por exemplo o arqueiro Cowan; os zagueiros Cox e Young; o medio Forbes (muito nosso conhecido por sinal) e os atacantes Steel, Moir e Liddell.

Faltam-lhes, naturalmente, sobretudo nos dias que correm, mais força coletiva ou a força coletiva que se vislumbra no "onze" da Inglaterra. De qualquer modo, porem, uma vez preparado e devidamente em xeque, esse plantel podera muito bem se transformar num dos maiores obstáculos aos reais pretendentes à Copa do Mundo; desde, é evidente — e aqui vai o registo da ressalva — que no Rio de Janeiro, tal como tem sucedido no exterior, mesmo em se tratando da Europa — a famosa equipe não caia tanto de produção. Ou não se desmereça tanto. Porque, lenda ou não lenda — valha na pior das hipóteses uma coincidencia bastante esquesita — toda vez que os escoceses concordam em jogar fora de Hampden Park, acontece o que ninguem espera. Ninguem da Escocia, é claro; tanto seus rapazes se perdem e se comprometem tecnicamente. Isso, alias, não é de agora, e foi o antigo e consagrado selecionador da "Azzurra", Vittorio Pozzo, quem chamou a nossa atenção para o fato.

Mas, por falar nesses homens, vale a pena darse ao torcedor brasileiro uma rapida idéia de como ele se formaram e o que fazem. Principiemos, entao, por Cowan, cujo nome completo é JAMES COWAN — "Jimmy", tal como se o chamam na intimidade, mau grado a alta classe — continua jogando em Glasgow e pertence ao Morton. Ele tem a fama de decidir as partidas de seu clube, tal a segurança nas pegadas. Nasceu em Pisley, e antes do Morton atuou pelo Mossvile. De uma feita — foi em plena guerra — jogou contra a Escocia. Pertencia, nessa época, ao Exército britânico e como o Exército britânico foi levado a enfrentar o quadro da Escocia, em Hamburgo, não teve outro remedio senão concordar com a determinação.

Mas o seu primeiro grande sucesso só se consumou numa partida disputada contra a Bélgica, um ano mais tarde (1948), e depois, contra a Suecia.

GEORGE YOUNG — Capitão e zagueiro. Os "supporters" do Rangers gostam de dizer que não há dinheiro que compre o "passe" de Young e, com efeito, muitos clubes importantes de Londres e da propria Liga Inglesa têm mantido interesse por ele, sem contudo conseguir o engajamento definitivo desse crack em suas fileiras. Young começou a jogar football no Dundas Scholl, mas somente no Rangers logrou viver os sucessos que o consagraram definitivamente.

Grande em excesso, com quase dois metros de altura, domina inteligentemente qualquer estilo de jogo. Constantemente os torcedores do Rangers se reunem para falar do "big-heroi" que é George e para dar-lhe alguma coisa a mais que o clube não lhe pode dar...

SAMUEL COX — Cox veio do interior. Pertencia ao Darvel e do Darvel passou ao Rangers. Obteve o primeiro êxito em 1945, quando viajou de avião até Hamburgo, na Alemanha, a fim de enfrentar a esquadra do Exército britânico. Tem a vantagem de jogar em qualquer posição, sendo que no proprio Rangers é usado preferentemente na meia esquerda.

IAN COLL — "Mc Coll" é o mais jovem componente do plantel. Formado em engenharia, procura aliar com carinho e inteligencia o esporte à sua profissão. Tambem pertence ao Rangers, onde joga desde 1945. O excelente engenheiro civil nada fica a dever, pelas caracteristicas usadas em campo, ao planejador da sala de cálculos.

WILLIAM WOODBURN — Dizem os "Rangers-supporters" quando se referem a Woodburn: "Aí está outro dos nossos que ninguem comprará com dinheiro". Mas os escoceses não estão gratamente satisfeitos com o seu trabalho no último internacional, não obstante os três sucessos obtidos contra o team de Mortensen.

ALEX FORBES — Todos os brasileiros conhecem o "cabelo de fogo" do Arsenal. Alex nasceu em Dundee. Antes do Arsenal, atuava pelo Sheffield United, e excursionou varias vezes pela Europa. Surge como um dos maiores medios da Grã-Bretanha.

WILLIAM WADDELL — Tambem faz parte do Rangers. Mas os "fanáticos" do Rangers preferem Waddell no scratch, isto é, mais no scratch do que no Rangers. Não se trata de uma superstição, pois, na verdade, suas performances se diferem muitissimo.

O fenômeno que ocorre com Jan Jair, ocorre quase exatamente com Waddell. Com uma diferença apenas: seu "passe" jamais esteve em leilão.

WILLIAM MOIR — "Billy" Moir aprendeu a jogar football na cidade de Aberdeen. Fixando-se na R.A.F., desenvolveu-se fisicamente e apurou a for-

(Conclui na página 14)


YOUNG Rangers captain


COX Rangers


McCOLL (Rangers)


WOODBURN (Rangers)



ESTILOS E TATICAS DO FOOTBALL

Opinando com notoria descrença em técnicos e marcações, escreveu o cronista esportivo de "La Nacion" de Buenos Aires:

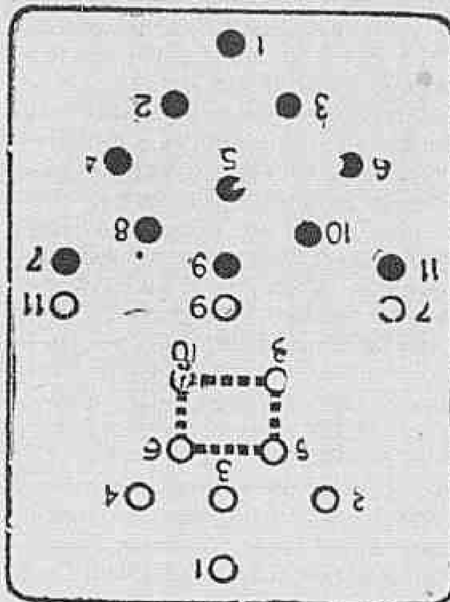
Não é do nosso propósito negar importancia ao trabalho dos coachs, qualquer que seja a especialidade de esporte que se trate, porque seria injusto.

O coach foi, com efeito, um elemento indispensavel tão pronto como o carater de emulação dado aos esportes aguçou o espírito de competição e tornou necessario, mais do que nunca, o estilo e a eficiencia física. No que toca ao football, visto que a ele queremos nos referir de modo especial, sabe-se que desde a implantação do profissionalismo na Inglaterra todos os clubes de importancia têm um preparador, pelo menos, apesar de há ainda alguns anos o mundo continuasse tranquilo na crença de que o jogo dependia substancialmente, em linhas gerais, da aplicação adequada de uma pequena serie de formas simples: no ataque, o método de passes curtos ou longos, com passes que a meudo vão de um lado a outro do campo; na defesa, dois backs para cuidar preferivelmente dos insideers adversarios, um center-half destinado ao centre-forward e dois halves para os dianteiros de ala. Era o clássico, o provavelmente eficaz, o consagrado por uma longa experiencia. Claro é que de quando em quando se observavam ligeiras variantes de tática segundo o aconselhassem as características dos adversarios, ou outra manobra mais de cunho individual que coletivo, inteligentemente concebida a base de aptidões pessoais que, desenvolvidas numa forma nova, eram suscetiveis de fazer maior o rendimento de uma linha de ataque.

..ara demonstrar que isso não ocorreu somente na Europa bastará dizer que nos primeiros anos do século atual um quadro uruguaio, o Wanderers, implantou como forma sistemática de sua ação ofensiva o que de pronto se popularizou com o nome de "cortada". Não havíamos visto isso no Southampton, nem no Tottenham Hotspur, nem no Everton, apesar de se tratar de quadros respeitaveis por sua eficiencia em seu proprio meio. Talvez que tivesse algum ignorado precedente europeu a simples manobra adotada pelo quinteto do citado clube de Montevidéu, que graças a ela adquiriu de pronto uma superioridade maior do que nunca. Seja como for, o certo é que, pelos menos no ambiente rioplatense, a originalidaded de seu "estilo" foi indiscutivel.

Mas a situação se modificou nos últimos tempos. Alguns preparadores oriundos de certas regiões européias — não todos, naturalmente e assim dizemos para que entre as exceções se coloquem quantos queiram — sentiram, segundo se adverte, a necessidade de aumentar a transcendencia de seu oficio e assim se preparam a inventar sistemas de jogo ou a introduzir variantes nos já ensaiados, como consequencia de uma ansia renovadora que na maioria dos esportes, senão na totalidade, tem limitações evidentes, porque tudo, ou quase tudo, já foi feito.

Com a aproximação do campeonato mundial, no Rio de Janeiro, essa "ansia" tende a se acentuar. Nele, segundo algumas publicações — e das mais prestigiosas — vão se encontrar varios sistemas de jogo. Já se falou aquí do que tem como chave ou símbolo um "M" maiúsculo e do que corresponde a um W. Essas linhas de formação em M e em W são, como se sabe, referentes ao ataque e nem sempre praticaveis com muito rigor, por muito que nelas insistam os preparadores, porque ninguem ignora que há centre-forwards muito mais eficazes quando jogam um pouco adiantados do que se ficassem um tanto atrás (e vice-versa) e que o mesmo sucede com os insiders. Mas não nos detenhamos a falar das teorias difundidas por aquí e vejamos em que consistem algumas das táticas européias que na Capital brasileira vão ser postas à prova. De inicio, examinemos o sistema suiço. O football na Confederação Helvética se mostrou, ao ganhar seus dois últimos encontros com o da Inglaterra, superior a este, o que ainda parece incrivel aos britânicos. Toda questão est, segundo alguns cronistas insulares, em que os suiços jogam com um "center-half de ataque"; ao passo que um dos backs marca o center-forward contrario, o outr zagueiro e um half de ala se ocupam dos insiders. Tal é a teoria desta formação, que, como se compreende, deixa um half lateral para o respectivo ponteiro adverso, mas não provê uma marcação precisa para o outro "winger". Acrescentemos que quando o quinteto britânico atacava, o



Na Bélgica, França e Uruguai, o center-half aparece indicado nos programas com o n. 3 e é na realidade mais um zagueiro. Na formação suiça (em baixo) esse mesmo jogador tem uma missão de ataque, em vez de defesa

half direito ou esquerdo dos suiços e um dos forwards, se as circunstancias o requeriam, modificavam a colocação e recuavam para seu goal. Chamam a isso "o ferrolho". Não custa advertir que é um ferrolho muito suscetivel de ser forçado e que o sistema não passa de uma simples teoria que se desmorona quando um rival pujante lhe perde o respeito. Não obstante, há na Europa quem pense que semelhante tática enganou — talvez por ser ilógica e, consequentemente, inesperada aos ingleses e desarticulou seu jogo nos momentos dificeis. "O ferrolho foi ideado por um coach indiscutivelmente de prestigio, Dori Kurschner, há mais de 10 anos. Esse preparador se transferiu para o Brasil e alí, segundo dizem, implantou o seu sistema. Que há em tudo isso boa dose de fantasia o diz o fato de que o "ferrolho" seja para nós, treze anos depois da viagem de Kruschner, uma novidade, embora quando na Inglaterra se afirme que o pratica a maioria dos quadros sul-americanos, embora o amoldando a seu temperamento, sempre inclinado a improvisação, como disse um cronista.

Num número recente de "World Sports" recordou Willy Meisl, comentarista de autoridade notoria, a visita que o Rapid de Viena fez no ano passado ao Brasil, onde atuou com muito pouca sorte. Ao voltar à Europa, o Rapid introduziu o que seus dirigentes chamaram "o sistema brasileiro" e o fizeram com certo sucesso. O crítico acha notavel essa adoção de uma tática que, já aperfeiçoada em seus enunciados teóricos por outro técnico — Karl Rappan —os austríacos poderiam estudar perto de sua propria casa, ou seja, na Suiça, sem necessidade de cruzar o Atlântico.

Diante do sistema do center-half atacante está o do center-half defensivo, que atua entre os dois zagueiros e mais ou menos em sua mesma linha. E' a formação predominante na Bélgica, França e Hungria, onde os programas assinalam esse jogador com o número 3, colocando-o, por conseguinte, entre ambos backs. Os halves laterais não se movem ali sobre a linha de toque, senão que perto do eixo do campo, e são o apoio imediato dos forwards interiores, formando com estes um quadrilátero tão supostamente forte no ataque como na defesa. Tal como na formação suiça, a linha atacante se alinha em forma de W.

Qual é o valor real de tudo isto? E' de se supor que não resulta desdenhavel, se se pensa que tais inovações começaram a preocupar a Inglaterra, onde alguns clubes dos melhores (Bolton, Wanderers, Manchester UUnited e Totenham Hotspur, entre outros), introduziram já certas modificações na velha tática britânica, que consiste principalmente em "parar" o adversario.

Os tradicionalistas não deixaram de observar, por outra parte, que o football não é um jogo que responda a normas rigidamente invariaveis. Seria absurdo, com efeito, pretender que se o praticasse "por música". Se cada homem tivesse exatamente assinalada a sua tarefa em todos os momentos e não devesse fazer senão o que lhe disseram que fizesse, lhe faltaria uma coisa importantissima, que mnito a meudo é fator decisivo: a iniciativa individual diante do imprevisto, que no football surge a cada passo e em todos os lugares do campo. Essa faculdade de iniciativa — ou, como se disse, de improvisação — é um elemento demasiado precioso para preteri-lo e no caso de nossos jogadores vale tanto, pelo menos, como qualquer sistema, excelente em teoria, mas constantemente exposto a desmoronar-se por obra do contingente. Claro é que um quadro de football não há de ser simplesmente um grupo de onze homens que jogam como bem entendem, sem ordem nem combinação. Ninguem ignora, por exemplo, o quanto importa que cada qual conserve todo o possivel a posição que deve ocupar, porque isto permitirá que qualquer companheiro faça um passe certo sem olhar par aonde o dirige. A intuição, alheia às frias teorizações dos preparadodreds, vale tambem por si mesmas, para não falar das outras aptidões que contribuem para definir um grande jogador.

Tudo isto leva inevitavelmente à conclusão de que essas novidades podem ser interessantes, mas não tão transcendentais como pretendem. Há tempo que, sob a capa de tecnicismo — um tenicismo bem barato, sem dúvida — nos falam do sistema de marcação "de homem para homem". E' o que se fez — ou se tem procurado fazer — sempre. Desde há mais de três quartos de século, para cinco atacantes há cinco defensores moveis que se distribuem de atenmão a tarefa. Mas isto não significa que se o half direito, encarregado de marcar o ponteiro esquerdo do bando rival, vê que a bola avança perigosamente pelo centro do dcampo, dê de ombros porque sua tarefa é marcar simplesmente ao "seu homem". Deverá, sim, acudir onde seu instinto lhe diga que sua cooperação é urgentemente necessaria. Assim em tudo e para todos. O contrario equivaleria a suster a possibilidade de um football jogado sob regulamento.

Voltamos, em suma, ao tantas vezes repetido: o quadro joga segundo lhe permite o rival. São, pois, em definitivo, as qualidades pessoais, e em seguida a aptidão maior ou menor dos onze homens para conjugar harmonicamente seus esforços para a obtenção da finalidade comum, o que verdadeiramente conta. Tudo o mais poderá resultar muito bonito, mas em sua quase totalidade são simples teorizações vistosas e muito pouco fundadas nesse sentido prático que sempre foi distintivo do bom football jogado com a dupla finalidade essencial de fazer goals e impedir que o adversario o faça.

O Campeonato do Mundo não conseguirá, certamente, alterar essa verdade, sejam quais forem os sistemas que eles ponham em prática, ou — o que se ajustará mais à realidade — se procure seguir.

LEIAM
GIBI MENSAL
DE MAIO

O GLOBO SPORTIVO

Diretores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Diretor Superintendente: Henrique Tavares. Gerente: Rubens de Oliveira. Secretário: Ricardo Serran. Redação, administração e oficinas: Rua Bethecourt da Silva, 21, 1.° andar, Rio de Janeiro. Preço do número avulso para todo o Brasil: Cr$ 0,80. Assinaturas: anual, Cr$ 40,00; semestral, Cr$ 25,00

GARATUJANDO O SCRATCH

OBSERVAÇÕES Á MARGEM DOS TREINOS DE ARAXÁ

De VASCO ROCHA

Os três treinos coletivos de Araxá não tiveram nenhum carater de "test" para a escolha e composição da equipe brasileira que intervirá na Copa do Mundo. Aliás, é preciso que se esclareça, embora não seja questão desconhecida para os que acompanham o desenrolar dos acontecimentos esportivos ligados ao importante certame internacional, que cada país concorrente poderá inscrever o máximo de vinte e dois jogadores, ou, praticamente, duas equipes completas. Na estancia hidro-mineral do Triângulo Mineiro, porem, a C.B.D. colocou vinte e oito dos mais renomados cracks nacionais com o objetivo claro e definido de ali recuperar as energias gastas numa temporada de grande atividade, como foi a do ano passado. E nesse particular, submetidos aos regimes recomendados, com os banhos e as duchas, com as caminhadas matutinas, com os exercicios individuais leves e com as refeições dietéticas previamente preparadas, os nossos jogadores, como do fato fomos testemunhas durante os vinte oito dias em que tambem estivemos em Araxá, conseguiram progressos fisicos admiraveis, refazendo e retemperando as energias perdidas.

UM TRABALHO DE RARA DEDICAÇÃO

Não entraremos no assunto técnico que procuraremos abordar antes de nos ocuparmos de um detalhe merecedor da maior atenção. Queremos nos referir ao trabalho realizado pelos doutores Amilcar Giffoni e Newton Paes Barreto. Antes de mais nada devemos dizer que os dois simpáticos e conhecidos médicos especialistas em medicina esportiva foram de uma dedicação a toda prova e alvo dos mais merecidos elogios. Estabelecido o programa a ser obedecido, elaborado por eles mesmos, muito cedo ainda, antes mesmo de ser dado o "toque de alvorada" na concentração, que se verificava às sete e trinta da manhã, já os doutores Giffoni e Paes Barreto, coadjuvados e prestimosamente auxiliados pelos massagistas Mario Americo e Oriando Lucheze, estavam a postos para a realização dos trabalhos inerentes, examinando e aplicando aos cracks o receituario aconselhado e diagnosticado. E, com a mesma dedicação, o mesmo zelo profissional, aqueles facultativos acompanhavam os seus "clientes" até às últimas horas determinadas pelo programa, ou a "hora de recolher", precisamente às 22 horas, quando, então, deixavam a concentração para o descanso de que careciam. Justiça seja feita aos doutores Amilcar Giffoni e Paes Barreto, porque os sucessos da concentração de Araxá só foram garantidos em face desse exemplo de dedicação que deram os dois médicos patricios.

UM "TEST" PARA OS TREINOS

Se é verdade que os três treinos não tiveram carater de "test" para a escolha dos elementos que formarão os dois selecionados brasileiros à Copa do Mundo, serviram, contudo, de "test" para a avaliação das condições físicas daqueles que se concentraram naquela estancia hndro-mineral. Verificado ficou que eram excelentes as condições de todos Examinados e pesados pelos médicos depois de cada ensaio coletivo, mostraram os cracks não haverem experimentado grande desgastes. Poucos foram aqueles que perderam mais de trezentas gramas pelos esforços despendidos. Aliás, os que mais sentiram foram aqueles que estavam classificados na categoria dos gordos, dos que precisavam mesmo perder peso. Mas, experimentaram o desgaste, como se constatou, de forma branda, de tal maneira que, descansados, acusaram uma recuperação notavelmente rapida. Essa circunstancia favorecia grandemente a certeza dos êxitos alcançados com a recuperação dos dias de repouso e de tratamento adequado, provando que, uma vez em ótimas condições, bem dispostos e sadios, os cracks poderiam ser submetidos aos mais rigorosos treinamentos tecnicos, periodo esse que se iniciará tão pronto estejam terminados os compromissos internacionais com os uruguaios e paraguaios, atualmente em curso.

IMPRESSÕES DEIXADAS PELO ENSAIOS

Fisicamente, portanto, como dissemos, são excelentes as condições dos cracks. Tecnicamente, os ensaios coletivos de Araxá deixaram muito a desejar. Até um certo modo nem poderia deixar que assim fosse, desde que se reconheça que os jogadores estiveram ausentes do contacto coordenado da pelota por mais de vinte dias. O primeiro coletivo não agradou. Os jogadores agiram sem entusiasmo e sem controle ideal de conjunto. Estavam lerdos nos seus movimentos, com os músculos sem a desejada elasticidade. O público presente, que ali estaca numeroso para conhecer os maiores cracks nacionais, por sua vez, não contribuiu com o seu estímulo e os seus aplausos para incentivar os jogadores a um melhor desempenho. A chuva, que caiu sem cessar, ininterrupta e copiosamente, tambem prejudicou a ação dos concentrados em atividade técnica, desde que escorregadia a cancha, não permitindo a firmeza das intervenções e das manobras nos passes. O segundo exercicio em conjunto foi o melhor. Os quadros jogaram mais pela camisa que vestiram, a do Najá e do Ipiranga, rivais tradicionais de Araxá, uma especie de Fla-Flu daquela cidade. Tiveram o estímulo da assistencia torcendo peias camisas, e, embora sob tempestade impiedosa, o ensaio teve movimentação e teve projeção maior no que se refere ao empenho dos cracks. Todavia, não possibilitou ainda uma impressão técnica lisonjeira, revelando, antes, pelo contrario, que os jogadores ainda teriam muito que se exercitar em manobras coletivas. O terceiro e derradeiro treino foi melhor do que o primeiro e pior do que o segundo, a despeito de que não houvesse chuva. Mas, tambem não houve o estimulo da assistencia, pouco numerosa, embora uma vez mais tivesse sido posto em litigio o prestigio das camisas dos dois valorosos clubes araxaenses. Provaram os cracks, novamente, que ainda necessitam de muitos outros exercicios coletivos para conseguirem a forma técnica, para obterem a harmonia conjuntiva, a coesão, etc., o que, certamente, serão virtudes a serem adquiridas nos próximos treinos.

GARATUJANDO AS LINHAS MESTRAS DO SELECIONADO...

Em que pese a acusação que nos possa ser feita de que estamos nos adiantando muito, precipitando os acontecimentos, podemos declarar, todavia que, pelo empenho individual, pelo trabalho pessoal realizado pelos cracks em atividade, os treinos de Araxá deixaram margem à observações que serviriam para garatujar as linhas mestras da formação do selecionado brasileiro que intervirá nos principais cotejos da Copa do Mundo. Barbosa, por exemplo, revelou amplamente a sua classe, mesmo que tenha sido inferior a Castilho nos dois últimos ensaios. Augusto ,por sua vez, deixou antever ser elemento imprescindivel. A escolha do seu companheiro de zaga ficaria entre Mauro e Juvenal, cabendo a este a nossa preferencia. Juvenal foi, individualmente, muito mais ativo e muito mais eficiente do que Mauro, mas nunca experimentado ao lado de Augusto, pareceu a todos que Juvenal se adapta melhor tendo Santos como companheiro. A intermediaria formou-se naturalmente — Eli, Danilo e Noronha. Bauer é um grande rival para Eli, mas não mostrou a mesma invergadura nos momentos criticos. Danilo tem muita experiencia e melhor classe que Brandãozinho, mas numa análise completa não fica em nivel muito superior a Rui, elemento trabalhador, dinâmico, distinguido. Noronha mais técnico do que Bigode, que vale pela agressividade, pela flama. Da vanguarda os nomes que se evidenciam foram os de Tesourinha, superior a Friaça, Zizinho, muito técnico e eficiente, mas ameaçado pelo dinamismo proveitoso de Maneca, que vem melhorando muito, e Ademir, que não encontra semelhança na sua classe, nas suas manobras, no seu trabalho pessoal, em antagonismo com Baltazar, que apenas valeu pelo aproveitamento das oportunidades, especialmente nas boias altas. Adãozinho, sem sentido prático. Jair em confronto com Pinga levou vantagem apenas pelo acerto do entendimento, das fintas notaveis e dos arremessos, mas Pinga foi mais trabalhador, mais dinâmico e mais ativo. Entre Chico e Rodrigues a dúvida é grande, desconcertante, mesmo porque as caracteristicas de um e de outro são bem diferentes. Chico pareceu melhor condutor e melhor infiltrador, mas Rodrigues centrou mais e atirou mais, valendo pelos tentos conquistados e pelo poder ofensivo dos tiros. Enfim, essas foram as observações que fizemos dos treinos de Araxá, para tirar tais conclusões. Mas, somente com a realização de muitos outros coletivos, que se incluem no roteiro de preparação de Flavio Costa, é que se poderá, em definitivo, encontrar as bases para a formação do scratch brasileiro.

BIOGRÁFIA DOS CRAKS ESCOCESES

(Conclusão da página 12)

WILLIAM BAULD — Jogador discutido pelo excesso de energia e pequeno discernimento quando tem de usar a cabeça, mas titular absoluto do scratch. Vale-se da coragem e da valentia para ficar aonde está, e com essas duas qualidades tem decidido muitos matches dificeis para a Escocia. Hoje ganha a vida dirigindo um bar de bebidas, mas antes trabalhava num hospital de fisioterapia.

WILLIAM STEEL — "Billy" — naturalmente o quarto "Billy" dessa linha — o mais famoso de todos, espantou o mundo do football britânico com a sua transferencia para o Derby, pela qual recebeu a soma liquida de 15.500 libras. Nenhum jogador chegou a isso em todo o Imperio, mas Billy Steel se tornou conhecido quando integrou pela primeira vez o scratch da Escocia (1947), alcançando a gloria definitiva ao furar as redes do keeper do selecionado da Europa que jogou em Hampden Park, contra o scratch da Grã-Bretanha. Pertencia anteriormente ao Morton e hoje, no Derby County, faz as vezes de escritor. Pelo menos tem um livro em exposição — "Como jogar football" — que lhe rende quase tanto quanto o contrato feito com o Derby.

WILLIAM LIDDELL — E' um dos "genios" da equipe. Foi soldado e herói durante a guerra e hoje, entre um sábado e outro, ou entre um e outro jogo, desenvolve sua atividade num escritorio comercial de Liverpool como contabilista diplomado, em dois filhos gemeos — Malcolm e Davis — sustentando assim a origem de bom escocês que é...

TOSSE?
BENZOMEL
XAROPE · CALMANTE E EXPECTORANTE

PARA OS CABELOS
Use e não mude
JUVENTUDE ALEXANDRE
Dá vida, mocidade e VIGOR AOS CABELOS
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

O ARSENAL CONQUISTA A TAÇA DA INGLATERRA

LONDRES, maio (De Geraldo Romualdo da Silva (Especial para O GLOBO SPORTIVO - Via PANAIR) — Desde 1872, com o Wanderers e o Royal Engineers finalistas, vive a Inglaterra, intensamente, todas as emoções de sua "Cup Winners", que é, em outras palavras, a "Copa". E é bastante lógico, pois se o football constitue por si mesmo uma perene fonte de atração, ou mais, uma paixão singular para o povo desta Ilha nobre e poderosa, nada mais natural que a "Cup Final" se transforme num acontecimento particularmente grato aos "supporters" — que são os torcedores daqui e de mais alem.

Assim tem sido, realmente, desde o século passadod, e até mesmo nos momentos de aflição mais forte, nas horas de incerteza porque passa o mundo, sempre fica e domina na gente da Nação imperecivel uma soma de reservas morais capaz de, pela força do espirito e da tradição, transformar um dia triste numa tarde exeepcionalmente magnifica de gloria, de alegria e de vibração.

DIFERENÇA ENTRE A "COPA" E O CAMPEONATO

Mas agora eu vos contarei o que significa a "Taça da Inglaterra". Como ela nasceu, não, porque isso demandaria muito tempo. Apenas como o certame se processa.

De fato, existe muita diferença entre a Taça e o Campeonato propriamente dito. Em outras palavras: enquanto o Campeonato se realiza, por exemplo, entre os 64 clubes filiados à "Football League" — correspondentes à 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões (com 22 representações em separado), algumas de Londres e outras sediadas em varios e diferentes pontos do país — Taça envolve número muitíssimo elevado e não faz distinção absolutamente alguma entre os que se encontram classificados na 1.ª, 2.ª e 3.ª divisões, tanto que abrange, inclusive, os não filiados diretamente à "Football League", mas apenas à "Football Association", que está para o football inglês como a C. B. D. para o football brasileiro.

Dessa forma, caso se tornasse possivel promover certame idêntico no Brasil, clubes desconhecidos do interior mais longinquo poderiam obter facilmente inscrição na Taça (sempre, é claro, que tivéssemos uma Taça...), e seriam exatamente os clubes do Acre, de Goiaz, de Mato Grosso, alguns mais do extremo norte e tambem outros, mais do extremo sul, em número variavel, tal o caso da Inglaterra, que já contou com 200, 300, 400, 500, 600, 700 e agora anda perto dos 800! E isto é: a Taça da Inglaterra vale como uma afirmativa da força nacional do football inglês.

CLASSIFICAÇAO POR "K. O."

Agora outro detalhe: forçosamente a disputa do troféu tende a ser, segundo o criterio da eliminação do perdedor. Eliminação por "K. O.", se se tratasse de "box".

Eliminando-se os "noqueados", de acordo com as zonas em que se acham situados, sobrarão consequentemente os vencedores. Outro aspecto não menos importante da disputa está em que os clubes da 1.ª e 2.ª divisões desfrutam sempre do privilegio de só entrar em ação a partir das cinco últimas rodadas. Já com os da segunda, o criterio é diverso: eles só entram depois da quinta. Na sexta, para se ser mais exato.

Já com os candidatos da 3.ª, sucede que a participação só se consuma depois da sexta rodada. Quer dizer: da sétima em diante.

CRITERIO DE ARRECADAÇÕES

Isso mesmo sem se considerar os de menor expressão, os pequeninos clubes sediados em provincias distantes ou próximas de Londres, que são igualmente inscritos desde que consigam colocar-se nos três melhores lugares da categoria a que pertencem.

Mas, de certo que não faltará quem deseje saber como as arrecadações são feitas e divididas. Eis a explicação: o "bordereau" é estabelecido em partes iguais — absolutamente iguais, divididas em quatro partes distintas: a 1.ª, considerada "Caixa Única", a 2.ª e a 3.ª destinadas aos disputantes do dia e a 4.ª, à "Football Association", patrocinadora e responsavel pelo Torneio. E' bom acrescentar que a soma correspondente à "Caixa Única" fornecerá um dividendo à parte, para efeito exclusivamente de ajuda aos últimos 62 clubes da tabela, o que não deixa de refletir uma fórmula humana e elevada de auxiliar aos "necessitados".

SETENTA E OITO ANOS DE "COPA"

Em 1950, por conseguinte, pela 69.ª vez — não se considerando os anos da guerra (1914 e 1915, depois 1940, 1941, 1942, 1943, 1944 e 1945), o povo de Londres foi levado a Wembley para vibrar com a celebração do sensacional acontecimento. Desta feita, como se sabe, para consagrar o Arsenal campeão pela terceira vez das Ilhas.

O 1.º campeonato foi obtido em 1930, quando os "gunners" venceram o Hundddersfield de 2x0 e o 2.º em 1936, derrotando o Sheffield United de 1x0. Afinal, é uma festa sem similar na historia do football de todo o mundo. Uma festa de causar inveja pela ordem do público, pela disciplina dos atletas e, mais do que isso, pelo interesse que eles põem na luta, jogando-se inteiro pelo seu Rei e pelas cores que honram em todos os campos do mundo. E hoje como sempre, lá esteve e lá estará S. M., a fim de, como sucedeu sábado passado, humanamente trajado de terno marronlistrado, cumprimentar um por um de atletas e desejar-lhes "boa sorte" na futura hora e me de luta.

"GOD SAVE THE KING"

Antes do "toss", a banda escocesa executa o "God Save The King", que as cem mil pessoas cantam fervorosamente. E só mais tarde, à hora rigorosamente aprazada, o match é iniciado.

Em 1950 tudo se repetiu de acordo com a tradição. O Arsenal entrou em campo juntamente com o Liverpool, ambos formados em "fila indiana", tomaram posição diante da tribuna real, onde aguardaram o aperto de mão de S. M. O Arsenal apresentou-se com Swindin; Scott e Barnes; Forbes, Compton (Leslie) e Mercer; Cox, Logie, Goring, Lewis e Compton (Denis) e o Liverpool com Sidlow; Lambert e Spicer; Taylor, Hughes e Jones; Payne, Baron, Stubbins, Fagan e Liddell.

FORBES, O "GENIO" DE WEMBLEY

Desde os primeiros instantes da peleja o Arsenal, desta feita de camisa ouro e gola branca, pontificou na cancha. Mais defesa, embora com um ataque numericamente reduzido pela estrategia de Whittaker, não chegou a impor-se pelo volume maior de ações, entretanto, e fora de qualquer dúvida, apareceu como o quadro mais clássico, mais coeso, e o que não deixa de ser mais profundamente importante ainda, mais cientificamente armado para sustentar a vitoria, conquanto os números dessa vitoria fossem diminutos.

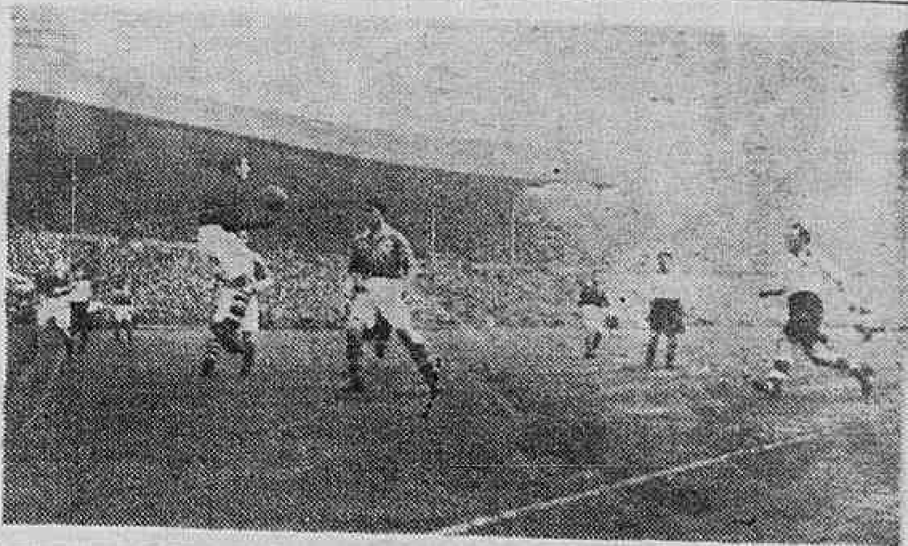
Whittaker está pondo em prática um sistema terrivelmente objetivo: faz os seus homens jogarem para vitoria sem se esquecerem da retaguarda. E exige, por isso, que cada "peça" da frente e cada "peça" de trás, seja capaz de mudar de zona, segundo as situações que se criam.

O Arsenal, muito comumente, dá a sensação de entrar no gramado só para se defender, mas súbito "carrega" e basta que a confusão seja estabelecida na zona contraria para surgir o arremesso mortl. Seus extremas atuam pegados à linha — um voltando mais do que outro; Forbes é o "ponta de lança" mis rguto, e Logie geralmente mais half do que meia.

Leslie Compton (o "segundo arqueiro" e "stopper" perfeito), não pôde ir ao Rio por causa do cricket. Tal e qual Denis, o irmão da extrema esquerda. Assim como Cox, que tomou a posição de MacPherson, e tal como Joe Mercer — o "jogador do ano". São, todos, em efeito, figuras sumamente estelares de uma equipe de "ases" consagrados.

Inegavelmente, porem, quando mais não seja na partida decisiva com o Liverpool, o herói não apenas de team, senão das "quatro linhas", foi o "cabelo de fogo" Alex Forbes, construtor a uma vez da vitoria de seu team com dois estupendos "rushs", ambos para Lewis.

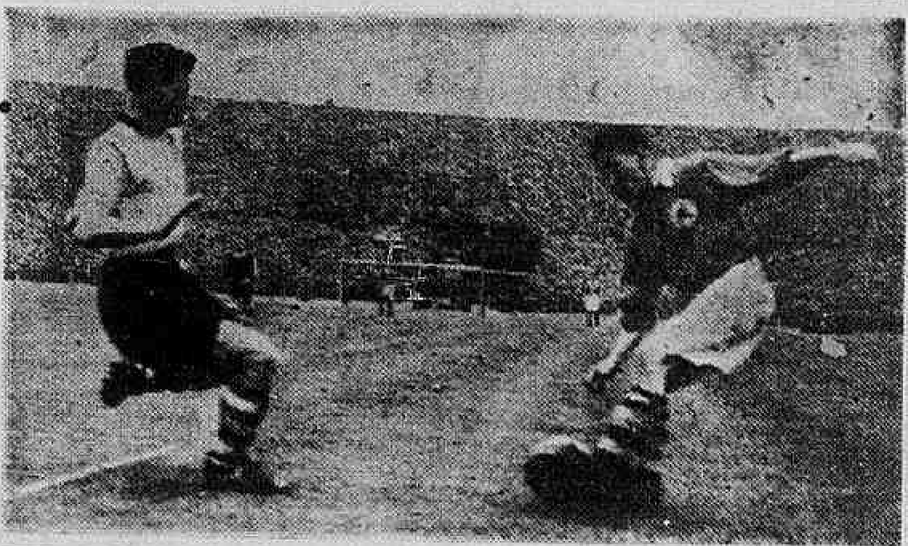
Está certo que o Liverpool tentou em muitas ocasiões resistir, e inclusive, ameaçou seriamente a meta de George Swindin, mas os "gunners", nossos vel— e particularmente amigos, souberam tirar melhor proveito da técnica e da tática — puro "terceiro-back", para marcar e ganhar, e, finalmente, para receber ufanosamente das mãos de S. M. George V, o mais valioso, o mais estimado e o mais cobiçado troféu instituido pelo football britânico. Em todas as épocas, diga-se de passagem. Desde que o football existe na Grã-Bretanha.



Defesa de Swindiu, num ataque do Liverpoll



Ataque do Liverpool



Lewis, o scorer, investindo contra o arco do Liverpool



As duas equipes lutando em campo



O rei Jorge VI cumprimentando os cracks do Arsenal

NA TUA TERRA TEM DISSO?

NO, MISTER JAIR!

JAIR

O QUÊ JAIR FAZ COM A BOLA A "CIÊNCIA DO FOOT-BALL" NÃO PODE EXPLICAR !!!



NO ENTANTO É O JOGADOR MAIS DISCUTIDO DO FOOT-BALL...

ÊLE É O MAIOR!

É MUITO DISPLICENTE !!!

QUANDO QUER...

